INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

Edmundo Araújo da Silva

A RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO NA BUSCA PELA VERDADE A PARTIR DA OBRA *SER FINITO E SER ETERNO* DE EDITH STEIN

cód.
C 100
S586r

Teresina
2020

IFPI - Biblioteca
13697 23/06/2022

EDMUNDO ARAÚJO DA SILVA

A RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO NA BUSCA PELA VERDADE A PARTIR DA OBRA *SER FINITO E SER ETERNO* DE EDITH STEIN

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí para a obtenção do grau de licenciatura plena em Filosofia. Sob a orientação da Professora Ma. Elisângela Amaral Soares Osório.

Teresina

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

SILVA, Edmundo Araújo da

S586r A Relação entre fé e razão na busca pela verdade a partir da obra *ser finito e ser eterno* de Edith stein / Edmundo Araújo da Silva. - 2020.
65 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Católico de Estudos Superiores - ICESPI, Curso de Licenciatura em Filosofia, Teresina, 2020.

Orientadora : Ma. Elisângela Amaral Soares Osório.

1. Filosofia. 2. Fé - Razão. 3. Verdade. 4.Edith Stein . I.Título.

CDD – 100

Elaborado por Ana Paula Ribeiro da Silva CRB-3/1704

EDMUNDO ARAÚJO DA SILVA

A RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO NA BUSCA PELA VERDADE A PARTIR DA OBRA *SER FINITO E SER ETERNO* DE EDITH STEIN

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Curso de Licenciatura em Filosofia

Aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora

Elisângela Amaral Soares Osório
Prof. Ma. Elisângela Amaral Soares Osório
Orientador

Examinador I

Examinador II

Ao Deus Trindade, Eterno, meu sumo bem e a Sua Santíssima Mãe Sempre Virgem Maria;
À minha família, base e sustento do meu ser: meu pai Manoel Cardoso e minha mãe Suzana Cardoso, aos meus irmãos Antônio Eduardo, Manoel Neto, Luciana, Edinete, Mateus, Andreina, Rosana, Luziane, Aparecida, Jorge e José Carlos;
À minha querida professora Elisângela Amaral, por seu testemunho e amor de mãe a toda comunidade formativa do Seminário Sagrado Coração de Jesus e pela doce companhia nesta jornada steiniana.
Aos meus irmãos de caminhada vocacional, em especial aos de minha Diocese de Parnaíba;
Aos meus irmãos-amigos, pela proximidade e amizade fraterna: Sávio Daniel, estimado afilhado; Denílson Sousa; Ernandes Rocha, por sua companhia nesta caminhada desde a primeira etapa formativa;
Ao meu amigo espiritual Servo de Deus Guido Shaffer (in memoriam), por ter permanecido comigo nos momentos mais difíceis desta pesquisa com sua intercessão e iluminação.

AGRADECIMENTOS

Por este trabalho fruto da Bondade Divina sou grato primeiramente a Ele, Deus Infinito;

À minha família, por acreditar em mim e ser meu sustento nesta caminhada vocacional;

À minha orientadora Elisângela Amaral, pela paciência, ajuda e inspiração nesta pesquisa.

A todos os meus irmãos de vocação do Seminário Interdiocesano Sagrado Coração de Jesus, em especial aqueles que cuja proximidade e amizade fraterna tornam a cruz mais leve.

Aos meus formadores do Seminário, em especial ao Padre Antônio Soares, pelo incentivo a vida intelectual;

A todos os colaboradores da Casa de Filosofia Dom Edilberto Dinkelborg, em especial a D. Josélia, Enalba e Maria, por seu cuidado e amor de mãe a toda comunidade;

A Dom Juarez Sousa, Bispo da Diocese de Parnaíba, pelo cuidado paterno a todos os seus seminaristas;

A todas as pessoas que colaboram no projeto "Amigos Benfeitores do seminário" da Diocese de Parnaíba, pela ajuda na formação dos futuros presbíteros de nossa Diocese;

Ao Padre Ronaldo Sampaio, pelo acompanhamento no início desta minha caminhada vocacional, com seus conselhos e cuidados;

À Irmã Maria Theresa (Fraternidade Maria Mãe de Deus), pela ajuda, oração, carinho e incentivo nesta pesquisa;

Ao meu querido irmão de caminhada Edson Felipe Cardoso, por ter me despertado para a pesquisa steniana e por sua contribuição bibliográfica;

Ao irmão de vocação Carlessandro Boaventura, pela disponibilidade e ajuda;

Ao querido irmão Robert Araújo, pela ajuda com este trabalho nos últimos momentos de conclusão.

Ao querido irmão Bruno Herbertty, pela ajuda e oração;

Ao meu irmão Tiago de França, por me encorajar na busca do bem e por seu testemunho;

A minha irmã de coração Carla Cristina, pela ajuda em tornar essa pesquisa menos densa (sugerindo filmes de três horas para descansar a mente);

Por fim, a todos os professores e colaboradores do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, pela dedicação e seriedade nos seus trabalhos.

"A fé não anula a razão [...] a fé eleva a razão a um plano sobrenatural".

Servo de Deus Guido Shaffer

"A fé é o caminho que atravessa a noite para conduzir à meta da união com Deus, nela se realiza o doloroso renascimento do espírito, a sua transformação de ser natural em ser sobrenatural".

Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein)

RESUMO

A presente pesquisa bibliográfica tem por objetivo compreender o diálogo entre fé e razão na busca pela verdade a partir do pensamento da filósofa alemã Edith Stein (1891-1942). A busca pela verdade sempre foi a principal inquietação na vida de Edith Stein, para ela encontrar a verdade significa encontrar o próprio sentido do ser no mundo e a resposta para todas as dúvidas que o circundam. Todavia, para encontrar a verdade, segundo Edith Stein, é preciso estabelecer uma relação entre fé e razão, pois, a fé se torna necessária ao oferecer aquilo que a razão por si não poderia alcançar devido aos seus próprios limites. A relação entre fé e razão em Edith se dá a partir da confrontação estabelecida por ela entre filosofia moderna e filosofia medieval, fundamentada pelo pensamento de Edmund Husserl e santo Tomás de Aquino, que está grafada de forma sistemática na obra *Ser finito e ser eterno*. Por fim, esta pesquisa apresenta como itinerário: a coerência entre vida e obra de Edith Stein; a exposição da investigação do sentido do ser como ponto de partida em busca da verdade; a fé como instrumento guia da razão para se buscar a verdade.

PALAVRAS-CHAVE: Edith Stein. Ser. Verdade. Fé. Razão.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende bibliografische Forschung zielt darauf ab, den Dialog zwischen Glauben und Vernunft auf der Suche nach der Wahrheit zu verstehen, der auf dem Gedanken der deutschen Philosophin Edith Stein (1891-1942) basiert. Die Suche nach der Wahrheit war schon immer das Hauptanliegen in Edith Steins Leben. Um die Wahrheit zu finden, muss sie ihr eigenes Gefühl finden, in der Welt zu sein und die Antwort auf alle Zweifel, die sie umgeben. Um die Wahrheit zu finden, ist es laut Edith Stein jedoch notwendig, eine Beziehung zwischen Glauben und Vernunft herzustellen, weil der Glaube notwendig wird, wenn er anbietet, was die Vernunft allein aufgrund ihrer eigenen Grenzen nicht erreichen kann. Die Beziehung zwischen Glauben und Vernunft in Edith ergibt sich aus der Konfrontation zwischen moderner Philosophie und mittelalterlicher Philosophie, die auf dem Gedanken von Edmund Husserl und dem heiligen Thomas von Aquin beruht, der systematisch in dem Werk endliches Sein und ewiges Sein geschrieben wird. Schließlich präsentiert diese Forschung als Reiseroute: die Kohärenz zwischen Leben und Werk von Edith Stein; die Aufdeckung der Untersuchung des Seinsgefühls als Ausgangspunkt für die Suche nach der Wahrheit; Glaube als Leitinstrument der Vernunft für die Suche nach der Wahrheit.

SCHLÜSSELWÖRTER: Edith Stein. Sein. Wahrheit. Glaube. Vernunft

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **10**

2 A COERÊNCIA E ORIGINALIDADE ENTRE VIDA E OBRA DE EDITH STEIN **12**
2.1 As raízes de Edith Stein **12**
2.2 Vida acadêmica e o encontro com a fenomenologia **14**
2.3 Primeira Guerra Mundial e a empatia pelo outro **19**
2.4 Conversão ao catolicismo **22**
2.5 Perseguição nazista e o destino de Edith Stein **25**
2.6 A verdade segundo Edith Stein **26**

3 UMA BUSCA FILOSÓFICA DA VERDADE **28**
3.1 O ser como ponto de partida na busca pela verdade **29**
3.2 Ser potencial **30**
3.3 O ser limitado remete a um ser ilimitado e atemporal **31**
3.4 As essências e essencialidades das coisas **32**
3.5 O entendimento do ente como ponto de partida para a compreensão do ser **34**
3.5.1 Ente no sentido eminente **36**
3.5.2 O ente como tal **41**

4 FÉ E RAZÃO: "AS DUAS ASAS" QUE ELEVA O SER FINITO NA BUSCA PELA VERDADE **45**
4.1 A possibilidade de uma Filosofia Cristã **46**
4.2 A busca pelo sentido do ser e a teoria dos transcendentais **50**
4.3 O sentido do ser **52**
4.4 O ser primeiro: O Criador e a Verdade **54**
4.5 Deus *Uno* e *Trino* **55**
4.6 A construção do ser pessoa humana **57**
4.7 A harmonia do ser **60**

5 CONCLUSÃO **62**

REFERÊNCIAS **64**

1 INTRODUÇÃO

O estabelecimento da modernidade e o surgimento do iluminismo intensificaram o embate entre fé e razão. Com isso, boa parte dos filósofos modernos tentaram encontrar formas de fundamentar a busca pela verdade, que é o principal objetivo da filosofia, a partir da ruptura entre fé e razão. Entretanto, outros pensadores buscaram uma interpretação contrária a estes iluministas: ao tratar a fé e a razão, em vez de intensificar as diferenças, buscaram uma conciliação entre as duas, pois encontraram nesse embate uma necessidade recíproca para alcançar a verdade. Dentre os pensadores que defenderam essa linha destaca-se a filósofa alemã Edith Stein (1891-1942).

Após sua conversão ao catolicismo, em 1921, nasceu em Edith Stein o grande desejo e necessidade de estabelecer um diálogo entre fé e razão. Entretanto, o principal objetivo de Edith ao tratar dessa questão não era simplesmente apaziguar o embate entre o saber e o crer, mas, sobretudo, porque na sua incessante busca pela verdade se deparou com caminhos revelados pela fé, o que tornou tal enfrentamento necessário para a sua busca filosófica.

O pensamento filosófico de Edith Stein tem como primeira base a fenomenologia de Edmund Husserl, e com ela realizou diversos trabalhos nessa área. Todavia, após sua conversão, despertou em Edith uma vontade de conhecer o mundo intelectual católico, e não poderia começar de outro modo senão a partir do pensamento de Santo Tomás de Aquino. Dessa forma, segundo ela, "o encontro desses dois mundos exigia uma confrontação" (STEIN, 2019 p. 09), assim ela procurou estabelecer um diálogo proveitoso entre filosofia moderna e medieval, tendo como objetivo a busca pela verdade. O resultado desse confronto está grafado de forma sistemática na sua obra mais extensa, *Ser finito e ser eterno* (1935-1936).

Ao considerar a fé como uma via de acesso para buscar a verdade, Edith não está procurando estabelecer uma pesquisa teológica, mas inteiramente filosófica. Por isso, como método, ela utiliza o fenomenológico de Edmund Husserl. O ponto de partida neste diálogo *steiniano* é a investigação do sentido do ser, assim nesta relação entre filosofia medieval e moderna estabelecida por Edith na obra *Ser finito ser eterno,* se constrói, também, uma ontologia, pois, para ela, a busca da verdade deve partir de um ponto que é comum a todos, e neste caso, o ser como "certeza indubitável". Dessa forma, para essa pesquisa ontológica, Edith se fundamenta no pensamento de Santo Tomás de Aquino e na metafísica clássica de Aristóteles.

Desse modo, nesta pesquisa procuraremos compreender como Edith estabelece este diálogo na busca pela verdade, no qual considera a fé não como uma via optativa, mas que se faz necessária no decorrer da investigação do sentido do ser.

Assim, partiremos das primeiras motivações *steiniana* para estabelecer este diálogo, que está presente de forma visível na sua vida pessoal: na sua história familiar, acadêmica e religiosa. Viver a prática daquilo que estabelecia na sua teoria filosófica era uma preocupação primordial de Edith Stein, por isso que é de suma importância conhecer a vida dessa autora.

No segundo momento desta pesquisa buscaremos compreender como Edith estabelece a investigação do sentido do ser partindo de sua finitude, pois é aquele que sempre está mais próximo de cada indivíduo. Nesta parte, o objetivo central é entender todo o itinerário *steiniano* nesta investigação, partindo de uma análise profunda do ser finito e dos seus modos de ser até encontrar nele um direcionamento e uma necessidade de um ser eterno. Não é o objetivo de Edith Stein provar a existência de um ser eterno, todavia, este se mostra como necessário no decorrer da investigação do sentido do ser.

Por fim, na última parte de nosso trabalho, investigaremos como a fé se torna via necessária para buscar a verdade a partir das conclusões da investigação do sentido do ser. Neste momento procuraremos adentrar no ápice do diálogo *steiniano* entre fé e razão, que é legitimada por Edith através de uma filosofia cristã, tendo como objetivo uma aproximação ainda maior para aquilo que Edith considera ser a verdade e o sentido último de todo o ser.

2 A COERÊNCIA E ORIGINALIDADE ENTRE VIDA E OBRA DE EDITH STEIN

Conhecer a vida de um filósofo é imprescindível para entender todo o conjunto de seu pensamento. Muitos filósofos constroem suas teorias com base em vivências alheias, a partir de experiências observadas com outros e de outros; os mais raros fazem jus a seu pensamento e vive-os na prática, na vida cotidiana. Edith Stein entra neste *rol* de filósofos, por isso que antes de partir para sua teoria filosófica é preciso entender na sua vida pessoal a coerência entre vida e pensamento. O contexto histórico, os acontecimentos marcantes em sua família e as virtudes de Edith Stein são pontos imprescindíveis a serem considerados para um entendimento do pensamento *steiniano*, os quais estão grafados com muita sutileza na sua autobiografia intitulada *Vida de uma Família Judia* (1933-1939)[1].

2.1 As raízes de Edith Stein

Ao escrever a carta de apresentação para se matricular na Universidade de Breslau, em 1911, Edith Stein inicia as primeiras linhas com as seguintes palavras: "Eu, Edith Stein, filha do Falecido Siegfried Stein, comerciante de profissão e de sua esposa Augusta Courant, nasci na cidade de Breslau em 12 de outubro de 1891. Sou prussiana e judia" [2] (GIRARDELLO, 1998, p.13). Nestas poucas palavras, certamente, se encontram toda a base que constitui a pessoa de Edith Stein: uma mulher ligada intrinsicamente as raízes familiares, ao seu pai, que o perdeu muito cedo, quando tinha apenas dois anos de idade, e a sua mãe, por quem tinha uma profunda admiração pela coragem e determinação de assumir os negócios da família após ficar viúva. Ela assim torna-se uma mulher admiravelmente corajosa, que embora vivendo as vésperas da perseguição nazista, quando escreveu esta carta, não nega sua origem judaica; uma mulher inquieta pelo saber desde pequena, que buscava sempre mais compreender, tinha apenas vinte anos quando fez o pedido para ingressar na universidade.

---

[1] Sua autobiografia foi iniciada em 1933, já na vida religiosa, mas teve várias interrupções: a primeira delas foi em 1935, quando interrompe sua redação, que já continha mais de mil páginas, para dar continuidade ao escrito *Ato e potência* (1931), que é transformado na obra *Ser finito ser eterno* (1935-1936); em 1939, Edith retoma a escrita, mas não produz mais do que sete páginas e interrompe definitivamente a redação ainda no mesmo ano, no dia 7 de janeiro de 1939. Segundo relatos históricos, Edith enterrou seu manuscrito na clausura do mosteiro quando o convento foi invadido pelos os nazistas, em 1942, mas foi desenterrado por outra irmã do Carmelo e depois da guerra foi entregue ao Arquivo Carmelita de Bruxelas, hoje está preservado no Arquivo de Edith Stein em Colônia, com um total de 1086 páginas escritas a mão e 51 datilografadas (STEIN, 2018, p. 10).

[2] Tradução nossa de: *"Io, Edith Stein, figlia del defunto Sigfrido Stein di professione comerciante e di sua moglia Augusta Courant, sono nata nella città di Breslavia il 12 ottobre 1891. Sono prussinan ed ebrea".*

Edith Stein é a sétima filha do casal August Courant e Siegfried Stein, israelitas de sólida fé e de uma autêntica observação aos preceitos judaicos. Os pais eram comerciantes de profissão, que viveram uma vida simples e dura marcada pelo peso do trabalho no comércio de madeira para sustentar a família de sete filhos (Arno, Elsa, Elfrida, Paolo, Rosa, Edith e Erna). Quando se casaram, o pai de Edith já trabalhava como comerciante em uma loja que pertencia a avó de Edith Stein, uma senhora que não tinha muita prática com negócios e deixava tudo a cargo de seu gerente a quem tinha total confiança. Entretanto, os pais de Edith percebendo que o gerente da loja estava a enganar a proprietária, e sabendo que não conseguiriam resolver essa situação, decidiram mudar de cidade. Saíram de Gleiwitz, onde moravam, e mudaram para Lublinitz[3], uma pequena cidade localizada no extremo norte da área industrial da Alta Silésia, uma região histórico-cultural, hoje, pertencente à Polônia[4]. No entanto, a vida nesta cidade também não estava fácil e os pais de Edith enfrentaram uma incessante miséria para criar os filhos. Desse modo, vendo que seus negócios não iam prosperar naquela cidade, em 1890 tiverem que mudar para Breslau, na Breslávia, e foi lá que depois de quase dezoito meses, no dia 12 de outubro de 1891, nasceu Edith Stein, a última filha do casal.

Edith nasceu no mesmo dia em que os judeus comemoravam uma das suas datas religiosas mais importantes, a festa do *"Yom Kippur"*[5] (Festa da Expiação), e isso era para Edith um sinal de grande privilégio e principalmente para a sua mãe que, embora a festa de *"Yom Kippur"* fosse móvel no calendário judaico, a senhora Courant definiu que o dia da comemoração do aniversário de Edith seria sempre nesta data, como lembra Edith na sua autobiografia ao relatar essa data tão importante para os judeus:

> A festa mais solene dos judeus era o Dia do Grande Perdão, isto é, o dia em que o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos e oferecia o sacrifício de reconciliação por ele e por todo o povo, depois que o bode expiatório[6] havia

---

[3] Lublinitz tornou-se uma comunidade judaica a partir da segunda metade do século XVIII, quando o estado prussiano permitiu que judeus que viviam na Silésia poderiam se estabelecer nessa região. A comunidade judaica nessa região permaneceu até o final do século XIX, quando Lublinitz foi tomada pelo o então recém-fundado Estado da Polônia.

[4] Durante a Primeira Guerra mundial houve uma votação para decidir o destino de Lublinitz: se continuaria a pertencer a Alemanha ou a Polônia. Toda a família de Edith Stein se preparou para votar a favor da Alemanha, todavia, os votos não foram o suficiente e Lublinitz passou a ser território polonês.

[5] A Festa da Expiação era uma celebração considerada como o dia do perdão, onde o povo judeu faziam penitências em expiação de seus erros. Ainda hoje é observada pela Lei judaica, mas não com os mesmos ritos celebrativos.

[6] Era um costume antigo dos judeus que, conforme o Livro do Levítico (Lv 16, 1-34) do Antigo Testamento, durante a Festa da Expiação era entregue aos sacerdotes dois bodes, que através de um sorteio um dos animais era oferecido em sacrifício a Deus e o outro era solto no deserto como forma de expiação dos pecados do povo

> sido enviado para o deserto levando todos os pecados do povo. [...]. Para mim, esse dia tinha um significado muito particular: eu nasci no dia da festa do Grande Perdão e minha mãe sempre considerou que o dia da festa era o verdadeiro dia do meu aniversário, embora o 12 de outubro fosse reservado para a comemoração e os presentes. (STEIN, 2018, p. 47).

Este fato lembrado por Edith revela o respeito admirável que tinha pelos costumes de seu povo, e por isso trata de forma detalhada na sua autobiografia. Além disso, o principal objetivo de Edith ao escrever sua autobiografia não era simplesmente colocar a si mesmo como a principal personagem, mas sim o seu povo, e faz isso tomando como modelo a sua própria família. Quando Edith iniciou a redação desse escrito autobiográfico, em 1933, o preconceito ao povo judeu, incentivado pelo o nazismo[7], estava ganhando força de uma forma violenta na Alemanha. Assim, Edith procurou confrontar essa situação no seu escrito, defendendo o seu povo como pessoas de dignidade e direitos, "oferecendo um retrato direto e genuíno das relações de uma família judaica, seus costumes, valores, conflitos e contradições" (ROCHA, 2014, p. 26).

Apesar do zelo rigoroso de sua família aos preceitos religiosos do judaísmo, não se cultivavam preconceitos a outras religiões. Pelo contrário, sua família era aberta ao diálogo e a convivência inter-religiosa. Edith destaca isso quando lembra que sua mãe foi educada a viver desse modo, no "dever de respeitar todas as religiões e de não falar mal de nenhuma delas" (STEIN, 2018, p. 16). Edith também foi ensinada dessa forma, saber se relacionar com o outro, independentemente de sua crença religiosa. Na universidade e em toda a sua caminhada filosófica Edith era rodeada de amigos ateus e protestantes. E era esse respeito que Edith cobrava dos alemães para com o seu povo.

2.2 Vida acadêmica e o encontro com a fenomenologia

Edith iniciou sua vida escolar ainda muito cedo, com seis anos de idade, embora tenha resistido a entrar para o jardim de infância. Na festa de seu aniversário de seis anos, já decidida a ir à escola, sem hesitar, declarou com firmeza: "[...] eu quero ir para escola. A partir de amanhã irei e não vou chorar e pretendo ir sempre" [8] (GIRARDELLO, 1998, p. 27). Essa decisão vinda de uma criança poderia ter sido apenas uma atitude passageira, mas de

---

(foi assim que surgiu a expressão "bode expiatório"). Embora Edith tenha detalhado esta festa na sua autobiografia, este costume já não era mais realizado na sua época.

[7] Foi neste mesmo ano, 1933, que o então presidente Paul von Hindenburg nomeou Adolf Hitler (1889 - 1945) como chanceler da Alemaha.

[8] Tradução nossa de: *"Voglio andare a scuola. Da domani ci andrò e non pragerò e intendo andarci sempre"*.

fato, Edith permaneceu firme nos estudos, ganhando admiração por sua maturidade e capacidade intelectual.

Todavia, com a mesma determinação em iniciar seus estudos, Edith decide afastar-se deles por volta de seus quatorze anos. O motivo era uma crise que ela estava passando. Poderia ser algo normal para a adolescência, mas a crise de Edith não era nada convencional para a sua idade. O que lhe incomodava eram dúvidas relacionadas à sua concepção de mundo - uma inquietação que nunca abandonou Edith e lhe fortaleceu na sua incessante busca pela verdade - e a escola não estava oferecendo respostas necessárias. Assim, segura de sua decisão e sob o consentimento de sua mãe, viaja a Hamburgo, para a casa de sua irmã Elsa, pois como afirma ela em sua autobiografia, "já havia passado tempo demais sentada nos bancos escolares e precisava agora de algo diferente" (2018, p. 99).

Edith passou uma temporada de dez meses com sua irmã em Hamburgo, tempo o bastante para provocar nela mudanças significativas, não só físicas, mas intelectuais e espirituais. Ela dedicou-se mais ainda à leitura, e de um modo bem diversificado, devido à especialidade médica do esposo de sua irmã, Max, passou a ler seus livros de medicina, que não eram nada recomendados para uma adolescente (um estudo que vem lhe servir quando entra como enfermeira voluntária durante a primeira guerra); outra mudança foi na sua espiritualidade, devido a sua irmã Elsa e seu esposo não seguirem de modo adequado o costume de seu povo, Edith livremente deixou de rezar. No entanto, todas essas transformações em Edith, não tirou dela a ambição de buscar um sentido de vida, e tinha certeza de que algo a frente lhe esperava. Não pensava muito no meu futuro, mas vivia com a convicção de que estava destinada a algo de grande" (STEIN, 2018, p. 106), uma "profecia" que viria a se cumprir alguns anos depois.

Após voltar de Hamburgo, Edith se encontrava em meio a dúvidas acerca de sua vida escolar, não pretendia voltar à escola, mas seus familiares esperavam dela uma decisão para o seu futuro. Foi então que aos dezesseis anos de idade e com ajuda de sua mãe, começou a ter aulas particulares em preparação de um exame que era necessário antes de entrar na escola que ela decidiu estudar (Escola de Victoria). Sua dedicação e seriedade nos estudos[9] fizeram

[9] Quando Edith retomou aos estudos estava ainda muito tímida e não queria que seus parentes ficassem comentando a sua decisão. Todavia, ela agora tinha um objetivo, precisava passar no exame classificatório para voltar à escola e mais a frente, pretendia cursar medicina. Desse modo, qualquer empecilho que lhe atrapalhasse era motivo de inquietação para ela, e por isso cobrava muito de seus professores particulares e não tinha receio de ser sincera e firme em suas palavras quando o assunto era estudo, assim como ela narra um fato que aconteceu com um de seus professores que não estava lhe ajudando com seu jeito atrapalhado: "Durante a aula, ele andava para cá e para lá, roendo as unhas. Ainda gostava de contar anedotas que, na minha opinião, eram de muito mau gosto. [...]. Ele ainda tentava conversar de assuntos particulares que não me interessavam. Em poucas palavras, disse-lhe que não tínhamos tempo para conversa fiada" (STEIN, 2018, p. 111).

com que Edith conseguisse aprovação alguns meses depois. Duas meninas estavam concorrendo a uma vaga na escola; uma amiga de Edith e outra terceira candidata. O nível de ensino escolar que elas concorriam era aquele que estava mais perto do último grau para entrar na universidade, a *Obersekunda*[10]. Mas, somente Edith conseguiu entrar para esta série, sua amiga ficou em duas séries abaixo dela. Edith estudou nesta escola de 1908 a 1911, quando prestou o exame classificatório, o *Abitur*[11], para entrar na Universidade de Breslau, onde mais uma vez se destacou com sua profundidade de conhecimento. O exame constava de avaliações escritas e orais. Pelo excelente desempenho na primeira prova, Edith junto com outras cinco colegas foram isentas da prova oral.

Antes de entrar para a universidade, Edith já tinha decidido os cursos que queria seguir: filosofia e literatura. Uma escolha que não agradou muito a família, pois todos esperavam dela uma profissão mais prática, que desse melhor condição de vida:

> Quando a família soube das minhas pretensões, meu primo Franz perguntou-me certa vez, na frente de um círculo maior, o que eu gostaria de estudar. Deixei-o adivinhar. Ele citou todas as matérias universitárias. Já sei: "História e Literatura." Balancei a cabeça e disse: "Literatura e Filosofia". O rosto da minha irmã Frieda foi se modificando durante a conversa. Parecia que eu não tinha nenhum interesse pela vida prática. Percebi a consternação estampada em seu rosto e ri comigo mesma. (STEIN, 2018. p. 125).

De fato, Edith não estava preocupada em escolher uma profissão apenas para viver economicamente bem, mas devia respeitar as opiniões de sua família. Desse modo, em abril de 1911, quando a Universidade de Breslau lançou as listas de cursos ofertados naquele ano, Edith não abriu mão de sua vontade em cursar filosofia, mas foi apenas uma matéria paga de uma hora por semana em meio a outras escolhidas por Edith: história, gramática alemã e psicologia. Todavia, foi o curso de psicologia, o primeiro assistido por Edith, que mais lhe causou interesse durante toda a sua trajetória na Universidade de Breslau.

Com o avanço do curso, Edith não estava mais se satisfazendo com a psicologia, e considerava um curso simples que, segundo ela, "assistia como se estivesse numa hora de conversa muito agradável" (STEIN, 2018, p. 135). A verdade era que a filosofia não tinha saído se seus planos, pois, Edith tinha escolhido esse programa de cursos apenas por influências da família. No decorrer dos estudos em Breslau sentiu a necessidade de ir além.

---

[10] Nomeação antiga das séries escolares da Alemanha, hoje no sistema escolar alemão é chamado de 11° do Ensino Médio, depois dele só há mais duas séries antes do exame para entrar na universidade.

[11] Equivale ao ENEM, todavia o aluno só pode realizar esse exame uma vez. Ainda hoje o *Abitur* é composto de várias fases de avaliação para os alunos que estão no Ensino Médio, dentre elas é a realização de três provas escritas e duas orais.

Foi então que Edith mais uma vez optou em ouvir a opinião de sua família e expôs suas dúvidas acerca de sua vida acadêmica para sua mãe, que com tranquilidade não tomou de Edith essa decisão importante em sua vida e a deixou que discernisse melhor o seu futuro.

Edith continuou com os estudos do programa de cursos que havia escolhido. Se dedicou, sobretudo, às disciplinas filosóficas, que era seu "assunto predileto". Durante os quatro semestres que esteve na Universidade de Breslau, Edith pagou diversos cursos na área da filosofia, mas era apenas como "aperitivo", pois seu grande desejo continuava sendo a filosofia em si, e a psicologia que a tinha encantado no início de seus estudos em Breslau, não estava mais saciando as suas vontades intelectuais voltadas para a compreensão de questões humanas[12].

Desse modo, entre 1912 e 1913, em que conclui o quarto semestre na universidade, Edith mais uma vez se encontra em meio a dúvidas, ela tinha se dedicado ao extremo aos estudos em Breslau, mas sentia que interiormente precisava procurar novos rumos, os estudos em Breslau já não eram mais suficientes.

> Durante meu quarto semestre, tive a impressão de que Breslávia nada mais tinha a me oferecer e de que eu precisava de novos estímulos. Objetivamente isso não correspondia à verdade. Havia ainda possibilidades não exploradas o suficiente, e eu poderia ter aprendido ainda muito por lá. Interiormente, porém, eu sentia necessidade de partir. (STEIN, 2018, p. 160).

A grande motivação de Edith em tomar essa decisão foi o encontro com o pensamento de Edmund Husserl[13]. Durante o curso de psicologia foi proposto para Edith apresentar uma série de seminários relacionados ao tema "Psicologia do pensamento". Ao se preparar para este trabalho ela percebeu que todas as fontes de pesquisa citavam uma das principais obras de Edmund Husserl, *Investigações lógicas* (1900), mas naquele período Edith não tinha tempo o suficiente para se dedicar a essa obra, que por sinal era volumosa.

Nessa época em questão, Husserl desenvolvia um trabalho filosófico em Gottingen, uma cidade encantadora aos olhos de Edith, pois conforme suas próprias palavras, por lá "não se faz outra coisa senão filosofar, dia e noite, à mesa, na rua, em toda parte" (2018, p. 161). Edith já conhecia pessoalmente Husserl em uma de suas viagens a Gottingen e ainda sentia o desejo de ir para lá, uma vontade que ganhou impulso logo após receber um convite de um

---

[12] Desde cedo ascendeu em Edith uma paixão pela pessoa humana, em compreendê-la em sua profundidade e entender o seu lugar no mundo. Toda a teoria filosófica steiniana parte primeiramente da pessoa como um "sair de dentro para fora", assim se dá na sua principal obra *Ser finito e ser eterno,* que busca compreender o ser finito, o homem, em sua relação com o eterno, Deus.

[13] Edmundo Husserl (1859-1938) foi um filósofo alemão considerado o fundador do método fenomenológico. Sua formação inicial baseava-se na matemática e na psicologia, e depois criou o método fenomenológico.

primo recém-casado que estava morando na cidade. A partir daí, não havia dúvidas: Edith decidiu que iria estudar em Gottingen no semestre seguinte. Toda essa empolgação de Edith pela filosofia e por sua viagem não estava deixando sua família nada contente. Tinham a sensação que iam perdê-la para o mundo filosófico. Mesmo assim a deixaram livre nessa decisão.

Edith chegou a Gottingen em abril de 1913, e mais uma vez neste ambiente acadêmico se destacou por sua centralidade e profundidade nos estudos. Antes da sua viagem tinha passado o tempo que lhe restava estudando as *Investigações lógicas* e já tinha um conhecimento profundo do pensamento husserliano, e isso surpreendeu até o próprio Husserl, quando este fez uma entrevista com seus novos alunos:

> Após a sessão preliminar geral, ele chamou os novatos um por um. Quando lhe falei meu nome, ele me disse: – "O senhor Reinach[14] falou-me da senhorita. A senhorita já leu algo dos meus trabalhos?" – "As Investigações lógicas." – "Todas as Investigações lógicas?" – "O segundo volume inteiro." – "Todo o segundo volume? Essa é realmente uma façanha heroica!", disse ele sorrindo. Assim, eu fui aceita. (STEIN, 2018, p. 186).

Em Gottingen, Edith se junta a um grupo de filósofos fenomenólogos que havia surgido alguns anos antes de sua chegada, no qual ficou conhecido como o "Círculo filosófico de Gottingen", entre os membros deste grupo alguns influenciaram de forma significativa no pensamento de Edith Stein, principalmente Marx Scheler, que disputava com Husserl a autoria sobre o método fenomenológico[15].

Husserl quando desenvolveu o método fenomenológico, como afirma Edith Stein no seu artigo *Fenomenologia e seu significado de visão de mundo,* não estava preocupado em fundar um sistema filosófico que fornecesse respostas para qualquer questionamento filosófico (2019, p. 144). Ele buscava um método que pudesse suprir as lacunas deixadas pela psicologia e a lógica, que fosse capaz de ir além dessas ciências, e assim desenvolveu este método, que consistia em uma "análise de atividade cognitiva e, em geral, da vida reflexiva e

---

[14] Adolf Reinach era professor assistente de Filosofia em Gottingen, havia viajado para lá após a chegada de Husserl, com o intuito de, juntamente com outros grupos de filósofos, estudar mais de perto o método fenomenológico desenvolvido por Husserl.

[15] Sobre essa questão Edith não tem dúvida a quem pertence à autoria do método fenomenológico, pois para ela, conhecendo ambos pensadores, sabia que seu mestre Husserl jamais tomaria teorias já prontas, pois seu pensamento era puramente genuíno, o que não se pode afirmar sobre Scheler, como afirma Edith no seu artigo *Fenomenologia e seu significado de visão de mundo* (1930/1931): "Husserl, sempre profundamente mergulhado em seus próprios pensamentos, sem poder desligar-se deles e praticamente incapaz de falar de outra coisa, menos ainda de receber influências alheias, e Scheler, cuja obra inteira é um efeito impressionista, sempre aberto a influência do que lia e ouvia, absorvendo tudo com tanta facilidade que nunca tomava notas das fontes, e de cujos pensamentos nem ele mesmo sabia a origem – não terá dúvidas sobre a quem atribuir a prioridade" (STEIN, 2019, p. 148).

IFSP · Biblioteca
13697 | 23/06/2022

afetiva, descrevendo-a no seu acontecer, assim como ela se apresenta, sem nenhuma sobreposição de elementos estranhos" (BELLO, 2018, p. 29). Em síntese, o método fenomenológico buscava a verdade mesma das coisas, aquilo que se apresenta à consciência tal como é sem nenhuma influência externa. Por isso, este método utilizava de reduções que iam eliminando aquilo que era superficial até encontrar a verdade em si da coisa[16].

Desse modo, este método husserliano provocou em Edith um "encantamento", que a fez deixar os estudos em Breslau e partir para Gottingen, pois para ela a fenomenologia de Husserl de alguma forma supria as suas necessidades em partir para uma busca das respostas daquilo que a tanto lhe inquietava[17].

O foco maior de Edith em Gottingen era a filosofia, que sempre encontrava tempo em sua agenda corrida para assistir aulas filosóficas, muitas delas orientadas por Husserl. No entanto, Edith não poderia deixar de lado as outras matérias, inclusive a psicologia, que segundo ela não havia feito quase nada, pois tinha se dedicado exclusivamente à filosofia (2018, p. 202). Edith buscou ajuda recorrendo ao seu mestre Edmund Husserl para a sua tese de doutorado, Husserl achou que ela estivesse muito apressada, pois era habitual que os seus alunos só se dedicassem a um trabalho pessoal depois de muitos anos assistindo suas aulas, e Edith estava em Gottingen há menos de cinco meses. Contudo, Husserl aceitou orientá-la na sua tese de doutorado, mas sob condições duras e dentre elas, era de que Edith deveria abordar o seu problema se contrapondo ao pensamento desta mesma temática desenvolvido por Theodor Lipps (professor de filosofia e psicologia em Breslau e em Munique), uma condição que Edith considerou como uma "pílula amarga", a qual precisava tomar.

2.3 Primeira Guerra Mundial e a empatia pelo outro

O tema escolhido por Edith para a sua tese foi o *Problema da empatia em seu desenvolvimento histórico e considerações fenomenológica*, um tema refletido a partir das aulas de Husserl:

> Durante suas aulas do curso "Natureza e espírito", Husserl havia dito que um mundo exterior objetivo podia ser apreendido apenas intersubjetivamente, ou

[16] As reduções estabelecidas pelo método fenomenológico eram: redução eidética, (*Eidos*) que consiste em buscar o sentido mesmo da coisa como ela se mostra, e para isso é preciso tirar todos os pré-conceitos e juízos sobre a coisa para entender ela mesma; redução transcendental, redução que parte do sujeito, que consegue chegar a abarcar o sentido mesmo da coisa que se apresenta a sua consciência.

[17] Ao longo do desenvolvimento do pensamento filosófico de Edith, entende-se essa sua inquietação como a busca pela verdade, e para Edith, somente pelo método fenomenológico se pode estabelecer de forma filosófica esta busca, por isso ela nunca o abandonou (trataremos dessa questão na seção 2.6 deste capítulo).

> seja, por uma pluralidade de indivíduos que conhecem e que comunicam entre si. Para tanto, um pressuposto requerido era ter uma experiência dos outros indivíduos. Husserl chamava essa experiência de empatia, em conexão com os trabalhos de Theodor Lipps, mas não explicitava em que ela consistia. (STEIN, 2018, p. 202)

Foi justamente esta inquietação que motivou Edith Stein a explorar o tema da empatia, no qual muito agradou ao seu mestre. Entretanto, Edith sabia que tinha um longo trabalho pela frente para cumprir as exigências de seu orientador, pois para confrontar seu trabalho de tese com Theodor Lipps, precisava conhecer todas as suas obras, e Husserl não abriu mão dessa condição, pois para ele era essencial que seus alunos estabelecessem em seus trabalhos fenomenológicos uma relação com o pensamento filosófico da época.

O trabalho de Edith em sua tese tornou-se mais pesado já que ao mesmo tempo em que realizava grandes pesquisas sobre o seu tema, ela estava se preparando para um exame do Estado no intuito de conseguir a licenciatura de seu curso, e sua tese poderia ser utilizada como uma das provas do exame. Porém, tudo isso estava deixando Edith em completo estado de desespero e aquela sua facilidade intelectual parecia que tinha a abandonado. Muitas vezes havia pensado em desistir e se dedicar apenas ao exame do Estado, mas nem uma escolha nem outra lhe dava paz, e segundo ela chegou a pensar que: "não podia mais atravessar a rua sem desejar que um carro me atropelasse" (2018, p. 209).

Depois de muitos esforços e com ajuda de seu amigo, o professor Adolf Reinach, a quem Edith considerava como braço direito de Husserl, Edith conseguiu deixar o seu escrito pronto para servir de prova para o exame do Estado. Ainda havia muito trabalho pela frente para deixar sua tese completa para a defesa, mas devido aos acontecimentos seguintes, Edith teve que interromper seu trabalho. Em junho de 1914, o atentado contra o príncipe herdeiro do trono austro-húgaro, em Sarajevo (capital da Bósnia e Herzegovina), foi o estopim para a explosão da Primeira Guerra mundial, e Edith juntamente com todos seus colegas estavam temerosos.

> A paz, a estabilidade da propriedade e a permanência do estado de coisas a que estávamos acostumados eram como um indestrutível fundamento sobre o qual fora construída nossa vida. Quando nos apercebemos enfim de que a tempestade inevitavelmente se aproximava, tentamos obter uma ideia clara do rumo que as coisas estavam tomando. Era certo que aquela guerra seria completamente diferente de todas as guerras precedentes. A destruição seria tão terrível que não poderia durar muito tempo. Tudo acabaria certamente em poucos meses. (STEIN, 2018, p. 222).

Ainda no final de julho de 1914, poucos dias depois da declaração da Primeira Guerra Mundial, os cursos da Universidade de Gottingen foram suspensos e grande parte dos colegas e amigos de Edith começaram a se preparar para sair o quanto antes daquela cidade em busca de refúgio. Edith pelo contrário não se preocupou apenas com o seu bem-estar, quando foi questionada se voltaria para Breslau ou se ficaria em Gottingen, ela refletiu que Gottingen era o coração da Alemanha e por isso era mais seguro permanecer lá, mas Breslau por ficar poucas horas da fronteira Russa certamente seria o primeiro lugar a ser atacado pelas tropas russas (STEIN, 2018, p. 223) e sua decisão foi surpreendente: decidiu partir para Breslau e se engajar na Cruz Vermelha, certamente era essa a forma mais profunda de aplicar na prática a empatia pelo o outro, aquilo que estava tão bem fundamentado na sua tese. Edith decidiu deixar todos os seus estudos, pois precisava encarar com todas as forças o que lhe esperava, e afirmava isso para si mesma: "Agora minha vida já não me pertence. [...]. Tenho de investir todas as minhas forças nisso que está acontecendo. Quando a guerra terminar, se ainda estiver viva, poderei voltar a pensar em meus assuntos pessoais" (STEIN, 2018, p. 225).

Edith permaneceu em Breslau por um período de três meses realizando atividade beneficente no hospital de "Todos os Santos". Depois que a tensão do início da guerra havia passado, ela resolveu voltar para Gottingen para realizar o exame do Estado. Todavia, Edith não esquecia a situação que estava vivendo, e tinha o grande desejo de prestar serviço voluntário como enfermeira, por isso, depois que realizou o exame, entrou novamente em contato com a Cruz Vermelha em Breslau e fez esse pedido. Pouco tempo depois ela foi aceita, mas devido à Alemanha não ter grandes necessidades de enfermeiras foi sugerido a Áustria, onde ela deveria viajar no início de abril de 1915 para a Morávia (hoje corresponde à República Checa) e lá prestaria serviço no hospital militar. Edith mesmo encontrando uma forte resistência por parte de sua família e tendo consciência dos riscos que teria que passar, confirmou sua viagem.

Chegando ao hospital militar de Weisskirchen na Morávia, Edith foi direcionada para servir no leito das pessoas que sofriam de tifo[18]. Edith permaneceu como enfermeira voluntária durante cinco meses e durante todo este tempo ela se destacou pelo trabalho cuidadoso e sempre amoroso para com os doentes - um verdadeiro sentimento de empatia - reconhecendo os doentes como pessoas de dignidade. Pode se observar isso em uma situação narrada por ela na sua autobiografia sobre um de seus pacientes que estava muito debilitado e

[18] Doença causada pela bactéria do gênero *Rickettsias,* que se desenvolve em alguns animais e é transmitido para o homem através de picadas de insetos infectados, como o piolho e pulgas. Os sintomas vão desde dor de cabeça intensa e exaustão extrema até erupção cutânea.

não podia mais falar devido ao agravamento da doença. Esse paciente era tratado com certo desprezo pelos outros profissionais. Edith pelo contrário o tratava com todo o cuidado.

> Ele me agradecia com o olhar por esse gesto caridoso. Não conseguia falar nada, pois perdera a voz totalmente. A cada visita médica ele era minuciosamente examinado. Médicos e enfermeiras falavam sobre ele, ao seu lado, como se ele nada compreendesse. Mas eu percebia nos seus olhos grandes e brilhantes que ele estava perfeitamente consciente, prestando atenção a cada palavra dita. (STEIN, 2018, p. 247).

Com o desenrolar da guerra, o hospital ficou cada vez mais cheio de feridos e Edith teve trabalhos redobrados ao ponto de se sentir debilitada fisicamente, mas em nenhum momento pensou em desistir. Somente no dia 1° de setembro de 1915, quando a situação no hospital estava sob controle, Edith pediu permissão à enfermeira chefe para ir a sua casa, o que lhe era de direito, e foi lhe dada a permissão não somente de ir, mas a liberdade de voltar somente quando quisesse. Então, Edith voltou para Breslau, mas na esperança que poderia ser chamada novamente para o serviço voluntário. Porém, alguns meses depois Edith recebeu a notícia que o hospital de Weisskirchen havia fechado.

Desse modo, Edith permaneceu em Breslau para se dedicar melhor a sua tese de doutorado. Depois desses acontecimentos, Edith teve uma maior facilidade em preparar sua tese, três meses foi o bastante para deixá-la praticamente pronta para a defesa. Finalmente no dia 03 agosto de 1916, Edith defende a sua tese de doutorado obtendo qualificação máxima (*Suma cum laude).*

Após a sua defesa Edith foi morar em Friburgo para trabalhar como assistente de Husserl, que já fazia um semestre que estava trabalhando lá. Edith permaneceu com Husserl até 1918 e em 1919 ela tenta uma vaga na docência universitária, que era seu grande desejo, mas por ser mulher é impedida.

Um detalhe importante parece ter ficado oculto durante a narrativa steiniana de sua vida intelectual, trata-se de sua religiosidade. Durante os seus estudos acadêmicos sempre que podia Edith participava com sua mãe das festividades judaicas, mas ela própria não seguia os costumes à risca. Entretanto, Edith tinha vários amigos religiosos, dentre eles o casal protestante, também fenomenólogos, Hedwig Conrad-Martius e Hans Conrad, e foi através destes e pelos estudos fenomenológicos que conduziram e reacenderam em Edith a sua fé, desta vez ao cristianismo.

2.4 Conversão ao catolicismo

O grande marco da conversão de Edith Stein ao catolicismo se deu no verão de 1921, quando estava passando alguns dias de férias na casa de sua amiga Conrad-Martius. Em um desses dias, aproveitou a noite para conhecer a sortida biblioteca de sua amiga e por acaso pegou um livro volumoso intitulado *Livro da Vida,* a autobiografia de santa Teresa D´Ávila, e pôs-se a ler. Edith se encontrava a sós neste cômodo da casa, e ficou de tal modo empolgada com a leitura que avançou até ao raiar do dia. Quando leu a última página, segundo ela, encontrou a resposta que tanto lhe inquietava. "Comecei a leitura e fiquei de tal modo presa que não a interrompi até que cheguei ao fim do livro. Quando o fechei tive de confessar a mim mesma: 'Esta é a verdade'" (GARCIA; SCIADINI, 1987, p. 53).

Depois desse acontecimento, Edith estava profundamente confiante que tinha encontrado a verdadeira fé, o catolicismo. Com isso, comprou um catecismo e um missal[19], tinha o desejo de compreender mais a fundo aquela fé que estava prestes a mudar toda a sua história. No ano seguinte, em 1922, Edith foi batizada na igreja paroquial de Bergzabern e escolheu por nome de batismo "Edith Teresa Hedwing Stein", uma homenagem a Hedwig Conrad-Martius, a quem Edith escolheu por madrinha, e a santa Teresa D'Ávila.

Após o seu batismo na Igreja Católica, Edith sentia que deveria ir além. Entendia que sua conversão era apenas o início de um novo caminho que teria que percorrer, e por isso começou a crescer nela um grande desejo de entrar para a vida religiosa. Entretanto, precisou guardar para si tal desejo. Não poderia deixar que sua mãe, a qual se encontrava muito doente, sofresse ainda mais, pois muito já havia sofrido quando precisou comunica-la da sua conversão ao catolicismo.

> [...] depois de meu batismo, ficou claro para mim que ela não aguentaria esse novo golpe. Ela não morreria por esse fato, mas seria tomada de uma amargura pela qual eu não queria ser responsável. Deveria aguardar com paciência, como me recomendavam meus conselheiros espirituais. (STEIN, 2018, p. 316).

No entanto, esse foi um peso que Edith precisou suportar até ser aceita no Carmelo de Colônia em 1933. Posteriormente à sua conversão, Edith pensava que deveria se dedicar inteiramente à sua fé, e que para isso precisaria abandonar todos os seus estudos filosóficos. Todavia, compreendeu que sua conversão exigiria muito mais dela. Aprofundou-se na filosofia e a partir daí surgiram seus escritos mais importantes.

Antes de entrar no Carmelo, entre os anos 1922 a 1930, Edith lecionou germanística no Instituto Santa Madalena, em Espira. Durante esse período seu pensamento filosófico sofre

---

[19] O Catecismo da Igreja católica trata-se de uma exposição da fé e da doutrina da Igreja e o Missal é o livro onde estão presentes todas as orações da Santa Missa.

uma grande influência de santo Tomás de Aquino, isso porque em 1926 foi encarregada de traduzir a obra *Questiones disputatae de veritate* (Questões disputadas sobre a verdade) e esse foi seu contato mais profundo com o pensamento tomasiano.

Ainda durante este tempo em que esteve lecionando em Espira, Edith publica seu artigo *Uma investigação sobre o Estado* (1925), que havia começado a escrever em 1920, mas tinha interrompido quando teve o "encontro" com a autobiografia de santa Teresa D'Ávila, em 1921. Apesar de adentrar no pensamento medieval, principalmente com a filosofia de santo Tomás de Aquino, Edith não abandona a fenomenologia de Edmund Husserl. Estabelece com ela um diálogo, e então publica o texto *A fenomenologia de Husserl e a Filosofia de santo Tomás de Aquino* (1929). Em 1930, Edith, após deixar os trabalhos em Espira com o objetivo de obter uma cátedra universitária, escreve *Ato e Potência*, que só é publicado pela primeira vez em 1998 (após a sua morte). Em 1932, depois de torna-se docente do Instituto Alemão de Pedagogia Científica, em Munster, escreve *A estrutura da pessoa humana.* As demais obras foram escritas após sua entrada na vida religiosa.

Em 1933, já em curso a perseguição nazista, Edith foi proibida de continuar lecionando em Munster por ser judia, e recebe uma oportunidade de trabalhar na América do Sul, mas recusa e decide ir atrás daquele seu grande desejo de entrar no Carmelo – que lhe inquietava desde sua conversão. Essa decisão de Edith é vista por muitos como uma fuga da perseguição nazista, o que não condiz com a verdade, pois ela desejou muito entrar no Carmelo logo após sua conversão, e poderia ter viajado para América do Sul, onde também serviria para ela como refúgio da perseguição. Porém, segundo ela, quando recebeu este convite, um caminho totalmente diferente lhe havia sido aberto (2018, p. 316).

No Carmelo, Edith tem permissão para continuar seus estudos filosóficos e publica vários textos, dentre eles *Vida de uma Família Judia* (1933-1939), *Ser finito ser eterno (1935-1936)* e *Conhecimento de Deus e Ciência da Cruz.* Este último, ela apresenta uma reflexão profunda do pensamento de São João da Cruz, e retoma alguns temas tratados em *Ser finito ser eterno* como, por exemplo, a problemática da fé. Todavia, é uma obra incompleta. Edith a iniciou em 1941, mas não concluiu devido a perseguição nazista.

2.5 Perseguição nazista e o destino de Edith Stein

Quando Edith Stein entrou no Carmelo, em 14 de outubro de 1933, a perseguição nazista estava ganhando forças de forma avassaladora. No entanto, a situação se tornou ainda mais assustadora em 1938, mesmo ano em que Edith emite os votos perpétuos no Carmelo.

Entre os dias nove e dez de novembro, o partido nazista realizou um ataque sangrento aos judeus que residia no país. O ataque ficou conhecido como a "noite dos cristais" [20]. Esse foi apenas o início dos ataques mais violentos contra os judeus. Assim, para proteger Edith da perseguição, o Carmelo de Colônia decide enviá-la para o Carmelo de Echt, na Holanda, na noite de 31 de dezembro daquele mesmo ano.

Um ano após sua chegada em Echt, Rosa Stein, sua irmã, já convertida ao catolicismo, junta-se a ela no Carmelo, assumindo o ofício de porteira. Em Echt, Edith dá continuidade aos seus trabalhos intelectuais e se aprofunda nos estudos teológicos, principalmente nos escritos de São João da Cruz, que a inspirou escrever a obra *Conhecimento de Deus e Ciência da Cruz*. Entretanto, a Holanda deixa de ser um refúgio seguro para elas. Em 1942 os bispos da Holanda emitiram uma carta em forma de protesto contra as perseguições aos judeus, o que irritou mais ainda o partido nazista e por isso uma grande perseguição foi realizada, não somente aos judeus, mas também a todos os outros convertidos ao catolicismo. O Carmelo de Echt tentou uma transferência de Edith e sua irmã Rosa para a Suíça, mas devido a situação isso não foi possível. Assim, no dia 02 de agosto de 1942, Edith e Rosa foram levadas para o campo de concentração da Holanda, e no dia 07 do mesmo mês levadas ao campo de extermínio de Auschwitz. Dois dias depois, em 09 de agosto de 1942, elas foram mortas na câmara de gás.

Edith lutou para salvar sua vida, mas todo o seu esforço não foi o suficiente para vencer a crueldade da perseguição nazista. Antes do estouro da guerra, Edith já tinha aceitado seu triste fim. Em uma carta escrita para a Priora do Carmelo de Echt, em 26 de março de 1939, alguns meses antes do início da Segunda Guerra Mundial, Edith, ciente dos fatos que poderia acontecer a seguir, se coloca como "Vítima de Expiação" pela paz de seu povo.

> Querida Madre: Por favor, permita-me Vossa Reverência que eu me ofereça ao Coração de Jesus como vítima de expiação da verdadeira paz: que o poder do Anticristo, se possível, entre em colapso sem uma nova guerra mundial, e que uma nova ordem de coisas seja instaurada. Eu gostaria de fazer isso hoje mesmo, porque já são 12 horas. Eu sei que não sou nada, mas Jesus o quer, e certamente nestes dias ele chamará muitos outros para isso. (STEIN, 2002, p. 1307). [21]

---

[20] O nome "noite dos cristais" se refere aos vidros que se espalharam nas ruas devido aos ataques nazistas. Foi a partir desse dia que os judeus eram levados para os campos de concentração.

[21] Tradução nossa de: *"Querida Madre!: Por favor, permítame Vuestra Reverencia ofrecerme al Corazón de Jesús como víctima propiciatoria por la paz verdadera: que el poder del Anticristo, si es posible, se derrumbe sin una nueva guerra mundial, y que pueda ser instaurado un nuevo orden de cosas. Desearía hacerlo incluso hoy, porque ya son las 12. Sé que soy nada, pero Jesús lo quiere, y seguramente em estos días llamará a otros muchos para esto".*

Segundo relatos de alguns sobreviventes da segunda guerra e que conheceram Edith Stein no campo de concentração, testemunharam a conformidade dela que, mesmo diante daqueles tormentos permanecia calma e "passava entre as mulheres consolando, ajudando, tranquilizando como um anjo" (GARCIA; SCIADINI, 1987, p. 109).

Seu processo de beatificação foi aberto em 1962 na Igreja Católica. Foi beatificada, em 1987, e canonizada, em 11 de outubro de 1998, por João Paulo II. Um ano depois Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz[22], foi proclamada pela Igreja Católica como a copadroeira da Europa.

Todo o itinerário da vida de Edith Stein compõe a sua longa busca pela verdade e com sua entrada no Carmelo, Edith acreditava que finalmente tinha chegado ao fim de sua incessante busca. De "buscadora da Verdade dará lugar agora à contempladora e serva da Verdade" (STEIN, 2019, p. 4). Para ela a verdade que havia encontrado era o próprio Deus. Todavia, na sua juventude, quando começou essa incessante busca, Edith não tinha uma percepção clara de onde iria chegar. Isso deve-se ao fato do próprio significado de verdade com o qual ela lidava. Por isso, antes de partirmos para uma teoria filosófica na busca pela verdade em Edith Stein é preciso compreender o que é de fato é a verdade para ela.

2.6 A verdade segundo Edith Stein

Ao longo de sua jornada filosófica, Edith não teve receio de abandonar elementos que para ela não lhe dava a resposta que queria. Aos seus vinte e dois anos, quando decide estudar psicologia, tinha o desejo de entender a clareza última das coisas, e buscar na psicologia fundamentos que pudesse ajudar nas suas inquietações. No entanto, decepciona-se com a psicologia, uma vez que desejava conhecer o homem nas suas últimas realidades, isto é, a essência de sua alma. Porém, o que lhe foi proposto um método puramente naturalista e mecânico que considerava a concepção de alma como irracional. Assim, Edith decide abandonar esta ciência e encontra na filosofia caminhos para as respostas das suas inquietações.

Dessa forma, com base nas inquietações stenianas no início de sua vida acadêmica, é possível estabelecer o significado de verdade para ela: "verdade é tudo aquilo que aparece com clareza e total limpidez para a consciência" (SAVIAN, 2018, p. 9). Pois era justamente isso que Edith procurava, uma clareza última das coisas, que não deixasse nenhuma brecha de

[22] "Teresa Benedita da Cruz" foi o nome escolhido por Edith ao entrar no Carmelo.

dúvidas. E é esse trabalho que ela estabelece nas suas obras filosóficas, principalmente em *Ser finito e Ser eterno,* constituído como um verdadeiro ensaio da busca pela verdade.

Foi isso que provocou em Edith um desejo de se aprofundar na fenomenologia, pois ela viu no método fenomenológico aquilo que a psicologia e os outros cursos iniciais de sua vida acadêmica não conseguiram responder. Se Edith entendia como verdade aquilo que se apresenta com total clareza, então o método fenomenológico tinha muito a oferecer por favorecer justamente o sentido das coisas, ou seja, sua essência. Desse modo, Gottingen na vida de Edith Stein significa muito mais do que uma oportunidade de aprofundamentos acadêmicos, mas um início de uma jornada filosófica em busca pela verdade. Trataremos dessa busca filosófica no capítulo seguinte.

3 UMA BUSCA FILOSÓFICA DA VERDADE

Após conhecermos um pouco da trajetória de Edith Stein, apresentaremos neste capítulo o seu empenho filosófico na busca da verdade materializada em sua obra *Ser finito e ser eterno*. Essa obra faz parte do conjunto de textos escritos pela autora quando esta já estava na vida religiosa. Ela nasceu a partir de um rascunho anterior, *Ato e Potência*, elaborado por Edith logo após sua saída do colégio de Santa Madalena, em Espira, para obtenção de uma cátedra universitária.[23] *Ser finito e ser Eterno* apresenta o pensamento maduro steiniano, no qual a autora busca uma confrontação dialogada entre a filosofia medieval e a filosofia moderna, sobre a questão do ser finito e a sua relação com o ser eterno, tal como apresenta o título.

Ser finito e ser eterno está dividido em oito capítulos: os três primeiros tratam da questão do ser, ser essencial e ser real, e da distinção entre ato e potência consecutivamente; o quarto capítulo é reservado para tratar da essência, substância, forma e matéria; o quinto capítulo dá continuidade à busca incessante do sentido do ser até desemborcar no problema da verdade; do sexto capítulo até o último, Edith discute questões acerca da existência de Deus e a sua relação com o ser finito, a sua busca pela verdade desemboca no campo da teologia, refletindo sobre a ideia de Trindade e repensando a criação; o último capítulo ela retorna a sua questão inicial, a busca pela verdade a partir do ser finito na sua individulização. Por esta razão, neste segundo capítulo de nosso trabalho discutiremos apenas o percurso teórico-filosófico desta filósofa até o momento em que ela recorrerá à teologia.

Desde o início da obra percebe-se que a investigação do ser eterno é para Edith necessária para a compreensão do ser em sua finitude, pois, tomando o ser finito como limitado e incapaz de autocriar-se, é considerado que ele é causa de outro que não possui uma causa, ao qual Edith chama de "arquétipo". Desse modo, esta concepção abre para uma compreensão ainda mais profunda do ser finito.

Edith Stein não tem o objetivo de provar a existência de um ser eterno, mas sim compreender o sentido do ser, entretanto em tal busca depara-se com realidades que por si já revela a possibilidade de um ser eterno: a limitação da essência do ser finito e a sua experiência temporal.

---

[23] Era um grande desejo de Edith Stein de ingressar em uma cátedra universitária, entretanto, embora tenha realizado muitas tentativas não conseguiu. Dentre os principais empecilhos era por ser mulher, mas com o desenrolar da Segunda Guerra, vários outros fatores políticos e econômicos vigentes na Alemanha dificultaram para que Edith realizasse seu grande desejo.

> O ente, que é temporal, não possui seu ser, mas lhe é dado cada vez. Assim se apresenta a possibilidade de um princípio e de um fim no tempo. Dessa forma, fica definido um dos significados de *finito,* o que o ser não possui, mas tem necessidade do tempo para chegar a ser, portanto seria finito. [...]. É verdadeiramente infinito o que não pode acabar, sendo que não recebeu o ser como dom, mas está em posse do ser, é dono do ser, e em verdade é o próprio ser. Chamamo-lo de ser eterno. (STEIN, 2019, p. 91).

Esses são os fatos investigados por Edith que tanto caracterizam o ser finito como explicitam uma abertura para a compreensão de um ser eterno.

3.1 O ser como ponto de partida na busca da verdade

O primeiro capítulo de *Ser finito e ser eterno* é uma preparação para toda a discussão que vem posteriormente acerca da questão do ser, no qual Edith considera como o ponto de partida indubitável para aqueles que saem na busca pela verdade. Grandes pensadores buscaram ao longo de seus trabalhos filosóficos chegar a uma certeza última. Descartes, por exemplo, acreditava como verdade inquestionável o ato de pensar, que leva a um existir; Husserl pela fenomenologia buscava compreender o ser que é consciente; Edith, por sua vez, não abandonando a fenomenologia, mas aprofundando-se ainda mais neste método, compreende que por trás dessas certezas inquestionáveis existe um "eu sou", alguém, ou um ente, que tem consciência de seu ser, que reconhece a si mesmo e está aberto ao transcendente.

Para Edith, antes de sairmos sem rumo em busca da verdade é preciso, antes de tudo, partir de dentro de si e entender o sentido de seu próprio ser. E essa certeza do próprio ser é o nosso conhecimento mais originário, pois, é algo do qual não podemos nos separar estejamos "pensando, sentindo, querendo ou de qualquer modo movido pelo espírito, sou eu, e sou consciente desse ser" (STEIN, 2019, p. 64). Assim, Edith parte em uma investigação na busca do sentido do ser.

A preocupação do sentido do ser vem desde a antiguidade, desse modo, o primeiro problema encontrado por Edith é a validação das "doutrinas" já pensadas sobre o ser: a discursão dos gregos sobre o ser é baseado na concepção de mundo natural e criado; os medievais ampliaram seu pensamento sobre dados revelados sobrenaturais; e a filosofia moderna, por sua vez, não reconheceu a verdade revelada tão defendida pelos medievais, como fundamentos para a compreensão do ser verdadeiro. Edith, frente a essas doutrinas, busca um viés dialogal entre filosofia moderna e a verdade revelada defendida pelos

medievais, como forma de compreender melhor o sentido do ser e assim alcançar a verdade buscada.

Dessa forma, a fé entra aqui como instrumento guia, quando a razão por si só não pode clarear os caminhos dessa busca. Assim, como Santo Tomás de Aquino, Edith defende que a compreensão da verdade divina está na verdade ontológica dos seres, assim, sua investigação segue por linhas fenomenológicas partindo da relação entre finito e infinito para a compreensão do ser.

3.2 Ser potencial

Todavia, mesmo que a investigação fenomenológica de Edith Stein tenha já como pressuposto uma compreensão do transcendente, ou seja, Edith não procura dar provas sistemáticas da existência de Deus, mas já parte da compreensão de um Deus criador, mesmo assim o seu trabalho não deixou de ser rigorosamente fundamentado em métodos filosóficos. Assim, tomar a fé como "companheira" na investigação do ser, não é cair em um dogmatismo ou mesmo deixar o rigor filosófico para aderir apenas à teologia, pois,

> O filósofo [...] quando faz uma aquisição da teologia, trata da verdade revelada enquanto *verdade*. Eis aqui o fator comum: nos dois casos uma ciência ajuda a outra para progredir na sua própria esfera e, apoiando-se sobre esse meio auxiliar, continua trabalhando em seu próprio campo. (STEIN, 2019, p. 52).

No segundo capítulo ela retoma a discussão de ato e potência feita por Tomás de Aquino em *Ente e Essência*. Neste capítulo são apresentados os principais conceitos que se estende em toda a investigação: ato, potência, ente e essência, além dos graus do ente: substância, espíritos puros (simples) e primeiro ente. As substâncias são as coisas compostas, ou seja, que possuem forma e matéria (as coisas inanimadas e todos os seres vivos); os espíritos puros são formas puras (mais tarde Edith dirá que os anjos são exemplos desses espíritos puros). Entretanto, para a compreensão de ato e potência como modos de ser, é necessário, segundo Edith, a compreensão de alguns conceitos como: forma, matéria, substância, dentre outros, mas que não são aprofundados no capítulo segundo. Edith vê como necessidade primeira a compreensão das ideias de ato e potência como modos de ser.

A ideia de potência é entendida por Edith Stein partindo da concepção de santo Tomás, este entende tal conceito como "tudo que recebe algo de outro, está em potência a respeito disso", (AQUINO, 2014, p. 34). A autora deixa claro que esta potência por mais que

esteja em dependência em relação ao primeiro ser, já é em si um modo de ser. O primeiro ente (que mais tarde é entendido como o próprio Deus) doa seu ser e o ser que recebe já é em si um modo de ser, por mais que esteja em potência em relação ao ato puro (o ente primeiro), como afirma santo Tomás. Tal afirmação serve como base para Edith quando trata sobre os espíritos puros e as criaturas, que ambos estão mais ou menos distantes do primeiro ser. Assim potência é um modo de ser, embora não seja plenamente, pois, não há uma coincidência entre ato e potência como no ser primeiro.

3.3 O ser limitado remete a um ser ilimitado e atemporal

Partindo da concepção de ser como vida-do-eu, o próximo problema a ser enfrentado na busca do sentido do ser é quanto à relação com o tempo: Se o ser passado já não é mais o ser presente e se o ser presente ainda não é o ser futuro; passado e futuro são, assim, nulos? Edith deixa claro: o ser de agora não é subsistente só para si mesmo (2019, p. 66). Entretanto, a conclusão dada por Edith depois de uma investigação fenomenológica, buscando as profundidades da coisa mesma, é que o ser é ao mesmo tempo atual e potencial. É atual, pois, como considera Edith, no que eu sou agora já há algo que será atual no futuro. Está presente em possibilidade. Assim, o ser é um constante renovar-se. Por fim é também potencial, pois, por mais que seja atual não o é plenamente: de algum modo eu não sou tudo o que sou no presente, é ser e não ser ao mesmo tempo. Depois, Edith fundamenta isso quando afirma que o homem chega à sua perfeição quando é o que pode ser mesmo não sendo tudo.

Entretanto, ainda não parece ser claro a questão da temporalidade do ser, principalmente relacionando com o que entendemos como passado, presente e futuro. O que vivemos agora é o presente, mas que será passado quando vivermos aquilo que agora o consideramos futuro. O que vivo agora é o presente real, assim como caracteriza Edith, o que se passou é algo vivido e o que virá é algo que ainda não vivi. Assim vai se formando uma "unidade de vivência", ou seja, algo que se transforma e continua o mesmo, embora de outro modo atualizado, em um constante devir de ser e não ser, que alcança seu apogeu de ser, mesmo que seja só por um instante. Por fim, é importante destacar o resultado de tal reflexão: que o ser finito é fugaz e está em um constante movimentar-se no tempo; que busca a atualidade real, mas que percorre ainda em uma mudança de ser e não ser e que anseia por um presente imutável, assim atesta a ideia de um ser que possa ser verdadeiro e imutavelmente presente, que seja eterno. Desse modo, é na experiência com a temporalidade que o ser

limitado se vê em meio a uma necessidade temporal, o que fundamenta na compreensão de um ser que seja totalmente independente do tempo, ou seja, eterno.

O que preenche esta unidade de vivência, ou seja, aquilo que hora tem caráter presente-real, mas que depois cai no passado é o que Edith chama de "conteúdo da vivência". Uma coisa, porém, é preciso ficar claro quanto a este conteúdo: ele é diferente ou não coincidente com o modo de ser. Isso quer dizer que, o conteúdo por si não é o principal elemento para a existência da unidade de vivência. Edith explica isso usando como exemplo a alegria que sentimos quando ouvimos uma notícia: para que haja essa unidade de vivência da alegria é necessário um conhecimento empático e uma percepção compreendida. Desse modo, posso ouvir a notícia, mas se não possuir estes elementos, a notícia pode não provocar a alegria. Logo, o conteúdo alegria está condicionado ao conteúdo da notícia e ao eu, aquele que predispõe o conhecimento e a percepção.

Por trás dessa unidade de vivência está o eu: o eu está presente em cada vivência, no qual as vivências podem passar, mas o eu permanece. Assim Edith considera como o "eu puro" como aquilo que permanece mesmo com o passar das unidades de vivências. Todavia, este "eu puro" não é nenhum ilimitado ou que esteja plenamente real, mas que a cada momento vive seu apogeu, sendo sempre atual, mas está inclinado ao modo de como deve ser o seu ser. O ser do eu não possui a si mesmo, é colocado na existência e vive de momento a momento.

É a partir da compreensão de um ser lançado na existência e limitado que se abre para a investigação: De onde provém, então, esse ser lançado? Ou seja, este ser que é recebido pelo eu. Edith analisa duas possibilidades: o eu recebe seu ser do "mundo mais além", no qual recebe o conteúdo de suas vivências do mundo exterior ou interior, ou dos dois ao mesmo tempo; a segunda possibilidade seria que o eu deve seu ser ao ser puro e eterno. As conclusões estabelecidas por Edith é que o ser do eu não pode dar nem conservar o ser por si mesmo, mas é limitado. Todavia é neste ser limitado que a cada instante se dar sua plenitude, por isso o eu está mais próximo do ser verdadeiro, pois, por mais que esteja em um constante devir, ele é conservado no ser a cada instante.

3.4 As essências e essencialidades das coisas

No terceiro capítulo de *Ser finito e ser eterno* já se entende o ser como limitado, atual e potencial, que necessita do tempo para essa passagem, diferente do ser eterno que possui seu próprio ser e não tem necessidade do tempo. Para Edith Stein o tempo não possui a autoridade

de se sobrepor às nossas vivências, ou seja, nossa vida em movimento não pode ser compreendida a partir do tempo, mas pelo contrário: o tempo é compreendido a partir da atualidade do ser. O ser em algum momento alcança uma presença puramente atual, este ponto alcançado pelo ser é marcado como um ponto originário do próprio tempo, mas o ser é atual somente por um instante e depois volta a cair em um devir, aquilo que era atual deixou de ser, assim vai-se estendendo o que chamamos de tempo, a partir desse ponto que iniciou. Por fim, o ser que é atual e também potencial tende a necessitar do tempo para alcançar estes graus de atualidade e que depois volta a cair na potencialidade, justamente porque não é imóvel e "jamais se converterá em um ser em repouso" (STEIN, 2019, p. 68).

Ainda sobre essa questão, Edith retoma os resultados da investigação dada anteriormente sobre o ser do eu e do condicionamento da unidade de vivência ao conteúdo. Entretanto, surge outra questão: a distinção entre o ser do eu e o ser da unidade de vivência. O ser do eu se renova a cada instante, o ser da unidade de vivência é um devir, mas a unidade enquanto tal pode ser vista de outros modos: a alegria que sinto, pode ser apenas uma alegria que vem e que passa, mas a alegria não seria também em pleno *quid,* ou seja, ser o que ela é sem mudanças? Assim Edith trata da essencialidade das coisas.

A essencialidade das coisas tratada por Edith ao investigar a vivência do eu possui uma relação com os conceitos platônicos de *εἶδος* e *ἰδέα*, entendido como o "arquétipo" ou "forma" das coisas. Edith, todavia, para demonstrar que sua pesquisa é senão uma busca tendo como base o método fenomenológico, escolhe a expressão fenomenológica "essencialidade".

A essencialidade é capaz de se fazer compreensível por si mesma, ela "não é nem a minha nem a tua" (STEIN, 2019, p. 93). Ela "tem o caráter de ser antes, sem ser, porém, no espaço e no tempo" (SANTOS, 2017, p. 823), a essencialidade se manifesta nas minhas vivências, mas já existia antes dela.

Para Edith essencialidade se difere da essência, ela é independente da relação com o objeto, e a essência é o que torna o objeto compreensível. A coisa é o que é por sua essência. Entretanto, ao considerar uma essencialidade da unidade de vivência não quer dizer que ela seja a vivência, ela não precisa de tempo. Outra distinção que se deve fazer é quanto aos conceitos: as essencialidades não são conceitos, nós criamos os conceitos com base nas características das coisas, mas as essencialidades nós a encontramos. Por isso, que segundo Edith os conceitos mais autênticos são aqueles que mais se aproximam das essencialidades. No entanto, as essencialidades raramente são levadas em conta, como enfatiza Edith, pois muitas vezes nos contentamos apenas com os nomes das coisas e não com elas mesmas.

As investigações sobre as essencialidades chegam a um ponto que parece que estão tratando já do ser eterno, como o ser que não passa, que é perfeito. Entretanto, Edith destaca que o ser eterno não é somente atemporal, mas toda sua plenitude e vitalidade encerram em si mesmo, e o ser das essencialidades não possui tal perfeição, e não está vivo é como se fosse rígido e sem movimento (é como se extraíssem dele todo movimento dependente do tempo). Mas quem o põe em movimento? Edith considera que basta provisoriamente entendê-lo como ser essencial.

Sobre o ser essencial ou modo de ser da essência, Edith estabelece uma distinção entre a essência e o objeto, do qual é a essência. A alegria que sinto não é a essência da alegria em si, mas a alegria que se manifesta em mim. A alegria que senti outrora passou e deixou lembranças. São elas que me fazem reviver a alegria que senti de um novo modo. Todavia, há uma semelhança entre as duas e é esta semelhança que Edith chama de *quid* completo, ou seja, essa lembrança que revive em mim de outro modo de ser.

Aprofundando mais ainda na compreensão das essências, Edith parte para uma investigação mais detalhada dos elementos que compõe as essências, trata-se dos "traços essenciais", e de sua conexão entre eles. O que Edith busca ao tratar dessa questão é um núcleo do qual possibilite a compreensão de todo restante das essências, ou seja, busca-se o que faz a coisa ser ela mesma, esse é o centro da pesquisa e da vida *steiniana*, a busca pela verdade.

O terceiro capítulo de *Ser finito e ser eterno* é finalizado com a possibilidade da compreensão de um ser que seja eterno, que só foi possível a partir da investigação feita sobre o sentido do ser e das limitações encontradas em nosso ser. Edith considera que há uma dependência do ser fugaz com o ser eterno: é o próprio ser eterno a resposta de onde vem o ser do eu que é recebido, que não somente dá o ser, mas também o sentido do ser.

3.5 O entendimento do ente como ponto de partida para a compreensão do ser

No quarto capítulo Edith trata de alguns conceitos aristotélicos, que por mais que estejam ligados a compreensão de ato e potência, não foram aprofundados no capítulo segundo, mas agora faz-se necessário o entendimento de tais conceitos para uma melhor clareza na busca do sentido do ser.

Uma das características principais do método fenomenológico é a possibilidade de reduzir a coisa ao ponto de se encontrar nela aquilo que seja totalmente isento de pré-conceitos, que revela aquilo que a coisa é em si. Desse modo, Edith Stein em sua investigação

e aplicação deste método, reúne ao máximo aquilo que se sabe sobre a coisa, testa com outras ideias e retira deste movimento aquilo que é essencial. Assim, na obra *Ser finito e ser eterno* é visível às reduções aplicadas por Edith e confrontações entre pensamentos que ajudam a encontrar como resultante a coisa como é em si mesma. Dessa forma, ao tratar da essência no capítulo quarto Edith faz uma confrontação entre o que se entende por essência, ou seja, a concepção moderna, com o entendimento de santo Tomás de Aquino e o de Aristóteles.

Em santo Tomás a concepção de ente e essência fundamenta todo o seu pensamento. Santo Tomás buscava a compreensão mais profunda das realidades últimas e que estas pudessem levá-lo ao conhecimento do eterno e para ele nessa busca "o ente e a essência são o que é concebido primeiro pelo intelecto" (AQUINO, 2014, p. 15). Por isso, que na filosofia de santo Tomás há uma necessidade de se entender ente e essência e como eles se relacionam, é o método tomasiano, partir do mais simples para se compreender o mais denso:

> Deve-se passar da significação de ente à significação de essência, de tal modo que, começando pelo mais fácil, o aprendizado se dê de maneira mais adequada, pois devemos receber o conhecimento do simples a partir do composto e chegar ao anterior a partir do posterior. (AQUINO, 2014, p. 15).

Santo Tomás, no início de sua obra *Ente e essência* apresenta duas possibilidades para a compreensão do ente: o que se divide nas dez categorias e o que está na verdade das proposições. Considerando o segundo modo do ente, que está na verdade das proposições, são enfrentadas duas dificuldades quanto aos seus diferentes modos de ser: o ser dos "estados de coisas" que se apresenta distante da *essentia* e a possibilidade de um ser das negações e privações. Quanto aos "estados de coisas", Edith considera como o "é" dos juízos das afirmações, ou seja, aquilo que "é" em um determinado objeto: A casa "é" branca. Edith considera que o ser dos estados de coisas é particular e apesar de ter um fundamento na coisa, ou seja, se enquadra àquilo que possui o objeto, ele é dependente e por isso não pode ser considerado como ente que está próximo da *essentia*, uma vez que ente e essência nos estados de coisas se mostram muito distantes. A outra dificuldade é quanto à possibilidade de um ser das negações, pois, considerando o ente como verdade das proposições até as negações podem ser um ente, porém, a negação é vazia e não possui uma essência, e aquilo que não é nada não tem um ser, assim não existe uma relação entre ente e essência.

Desse modo, Edith apresenta a segunda possibilidade da compreensão de ente, o que se divide nas dez categorias[24]. Tomando esta possibilidade, santo Tomás define que nesta relação com as dez categorias aristotélicas há algo em comum entre elas, no qual ele chama de "essência". Assim, com essa conclusão de santo Tomás, Edith faz uma volta à metafísica aristotélica para se compreender o que é essência através dos conceitos de categorias, matéria e forma.

O que se busca nesta investigação é a relação entre ente e essência, que agora se apresenta no segundo modo de ente, nas dez categorias, visto que do primeiro modo, ente e essência não estão próximos como concluiu Edith.

A relação entre ente e essência nas dez categorias se dá mediante a concepção de substância. Aristóteles considera como um dos questionamentos da metafísica a indagação sobre a substância, pois ela é "o eixo em torno do qual giram todos os significados do ser" (REALE; ANTISERE, 1990, p. 183). E por isso, não foi por acaso, como considera Edith, que ela é colocada no topo da lista das dez categorias.

3.5.1 Ente no sentido eminente

A substância nas categorias é a única que se auto subsiste e todas as outras categorias de alguma forma são derivadas dela e se baseiam em seu ser. "Substância" que é tomada por Aristóteles como *οὐσία* é traduzida para o latim e usada por santo Tomás como *essentia*. Desse modo, poderíamos concluir que de fato não existe uma diferença entre ambas, para Aristóteles e santo Tomás de Aquino, mas Edith considera que esta é uma conclusão precipitada, pois, embora se compreenda a substância como essência, no qual é assim entendida por muitos, e que dela se originam todas as outras formas de ente, mesmo assim essas formas de ente têm também uma essência e não somente a substância.

O que Edith considera ao estabelecer um estudo sobre as categorias aristotélicas é que *οὐσία* é diferente de *essentia*, pois, *οὐσία* é entendida por Edith como um "isto aqui", que se mostra como realmente é, e não deixa brecha para que possa ser confundida com outra coisa. Aristóteles considera como o último substrato, ou seja, que expressa outra coisa, mas que não é originado de nenhuma outra, é designado como o "ente ao qual corresponde o ser em um

[24]As dez categorias faz parte dos quatro grupos organizados por Aristóteles como possíveis significados do ser (ser como categoria, ser como ato e potência, ser como acidente, ser como verdadeiro). Para Edith Stein as categorias não expressa somente possível significado do ser, mas também para o ente: "o nome categoria se utiliza tanto para as formas do ente como para os modos de ser que lhe pertence" (STEIN, 2019, p. 306).

sentido preeminente" (STEIN, 2019, p. 163). Difere, assim, da *essentia*, pois, *essentia* é sempre *essentia* de alguma coisa, o que não significa que seja a coisa mesma.

No entanto, para Edith compreender o significado de *οὐσία* sem aprofundar em seu sentido mesmo de nada vale. Assim como santo Tomás, Edith compreende que tudo o que se apresenta para o intelecto humano é composto, uma vez que somos incapazes de compreendermos a fundo as coisas simples. Desse modo, assim se dá com a *οὐσία*:

> O que se diz de uma coisa nos juízos é sempre algo que lhe "vem dado" (não necessário que seja sempre "acidental"); por outro lado, deve existir outra coisa à qual lhe vai ao encontro o que lhe vem dado, e, finalmente, um último fundamento que já não pertence a nenhuma outra coisa, e, por essa razão, não pode ser predicada de outra coisa. (STEIN, 2019, p. 163).

Em um primeiro momento *οὐσία* enquanto essa coisa composta, que expressa algo, mas não é expressada por nada é entendida como matéria. Todavia, isso parece ser impossível, segundo Edith, a matéria "é algo totalmente indeterminado; não se pode dizer dela *o que é,* e, por isso ela de nenhuma maneira é se considerada sem nenhuma determinação" (2019, p. 163). Dessa forma, não podendo ser *οὐσία* a matéria, por não possuir o caráter de ser subsistente por si, resta apenas outra coisa, aquela que dá sentindo e fundamento a coisa e faz dela o que ela é, ou seja, o que chamamos de "Forma". Assim a investigação passa agora para a relação entre *οὐσία* e forma.

A grande questão que surge na compreensão do que seja a *οὐσία* é quanto ao seu significado mais profundo, já mencionado anteriormente, *οὐσία* como aquilo que faz jus a expressão "isto aqui", ou seja, um ente singular que é dono de si mesmo. Todavia Edith considera que a existência de uma coisa está conforme o seu "ser-coisa", ou seja, neste ser-coisa abarca não somente os traços essenciais, a essência e suas configurações compostas, mas há também um núcleo, como aquilo que considera a coisa como ela é, um "isto aqui", algo singular da coisa.

Este algo singular da coisa abrange não somente uma parte dela, mas é justamente o todo da coisa em si. Desse modo, não somente a matéria ou forma, mas um conjunto de tudo. Este todo é que se enquadra ao significado de *οὐσία*, o ente que é autônomo e próprio por si mesmo.

> Certamente não são autônomas (*χωριστόν*) nem a matéria nem a forma, mas somente a coisa inteira. Porém, um *τόδε τί* (um isto aqui), um exclusivo é também uma matéria ou uma forma: não a matéria em geral, nem a forma em geral, mas a matéria ou a forma dessa coisa (STEIN, 2019, p. 167).

De fato, Santo Tomás chega a esta mesma conclusão em *Ente e Essência*, isto é, quando toma *essentia* como *οὐσία*. Para ele a *essentia* da coisa não está somente na matéria que é indeterminada e precisa da forma, mas também não está somente na forma e muito menos na relação de matéria e forma, e sim no conjunto de matéria e forma:

> Resta, pois, que o nome de essência nas substâncias compostas significa aquilo que é composto de matéria e forma. Como isto harmoniza-se a palavra de Boécio no *Comentário dos predicamentos* (In: Cat., c.l, PL.64, 184A), onde diz que *ousía* significa composto. [...]. Com isto concorda também a razão, pois o ser da substância composta não é apenas da forma, nem apenas da matéria, mas do próprio composto. (AQUINO, 2014, p. 20).

Todavia para compreender a *οὐσία* como o ente preeminente, ou seja, dono de si, que está não somente na matéria ou na forma, mas no conjunto das duas, é necessário entender a fundo os conceitos de matéria e forma, para isso Edith recorre aos conceitos aristotélicos. Embora Edith já tenha apresentado no decorrer desta investigação a síntese da doutrina aristotélica de matéria e forma:

> Aristóteles põe diante do conceito de *μορφή* (forma), como aparentemente necessário complemento ao de matéria, a *ὑλη*. Já citamos o exemplo pelo qual o próprio Aristóteles explica o que quer dizer: a matéria é para ele o bronze, a forma é a figura da estátua, e a estátua inteira como compostas das duas. (STEIN, 2019, p. 183).

Quanto à concepção de forma para Aristóteles, entendida dentro das condições estruturais do devir da origem das coisas, ou seja, de que tudo "o que se gera, gera-se por obra de algo, e provém de algo e torna-se algo" (Metafísica, VIII, 1033a 25), dá-se de dois modos: forma como essência da coisa que se originou e forma como arquétipo, ou seja, modelo, da coisa originada. Sobre estes dois modos é necessário entender que para Aristóteles a coisa é sempre formada a partir de algo já preexistente, neste caso de um arquétipo. Todavia, este arquétipo não é uma "forma pura", como destaca Edith, mas algo que tem seu ser em um "isto aqui", daí que não se pode entender a forma como separada da coisa singular (um isto aqui). Assim, Aristóteles não considera que exista uma forma das coisas além do mundo sensível, ou seja, como em um mundo das ideias de Platão:

> Mas, então deve-se talvez admitir que existe uma Esfera além das sensíveis, ou uma Casa além das de tijolos? Não, porque, se fosse assim, essas formas nunca se teriam tornado algo determinado. [...]. Então é evidente que a

> causalidade que alguns filósofos costumam atribuir a essas Formas, se tais realidades subsistem fora dos indivíduos, não terá nenhuma utilidade para explicar os processos de geração e para explicar as substâncias (Metafísica, VIII, 1033b 20).

A concepção aristotélica sobre a matéria, em síntese, é aquilo que junto com a forma dá origem a coisa, ou seja, o sínolo (matéria + forma = sínolo). Todavia a grande problemática enfrentada por Aristóteles, a qual Edith apresenta, é a possibilidade de uma "Matéria originária", isto é, pensar a matéria como um substrato último, que se divide nas matérias particulares e que dá origem à coisa. Sobre esta problemática, Aristóteles deixa claro que a matéria por si não explica o devir, ou seja, o movimento de origem das coisas, mas o devir é existente e tudo que é originado é originado por algo. Todavia, em Aristóteles, como apresenta Edith, não há a possibilidade de uma "criação" a partir do nada, ou seja, que fosse o princípio de todo o devir. Entretanto, Aristóteles acredita que existe algo que põem em movimento todas as coisas, mas que não é movimentado por nada, assim, apesar de Aristóteles não conhecer nenhum criador do mundo, admite um impulsor do mundo, eterno e puramente espiritual (STEIN, 2019, p. 202). Portanto, a matéria não pode ser este elemento originário, pois necessita ela da forma, é dependente e não se enquadra como um *οὐσία*, ou seja, dona de si mesma.

Por fim, o capítulo quarto de *Ser finito e ser eterno é* concluído com o resultado da investigação sobre a relação entre *οὐσία, essentia,* "substância" e "essência". A relação que se encontra nesta investigação parte daquilo que se entende por *οὐσία*, como ente preeminente, que abarca em si toda a coisa, ou seja, é um "isto aqui". A *οὐσία* é designado como substância por possuir em si sua própria essência e ser, que se relaciona com essa essência, como aquela que dirige todas as formas de ser, que faz com que a coisa possa ser caracterizada como dona de si mesma, ou seja, o que faz com que ela seja ela mesma, uma *οὐσία*.

Dessa forma Edith conclui que:

> Οὐσία no sentido mais restrito e mais particular do termo, que é o que mais interessava a Aristóteles, é "*substância*", ou seja, um real fundado em si, que contém em si sua própria essência e a desenvolve. *Essentia* é a essência enquanto determinação quídica inseparável do ente e que pertence irrevogavelmente a seu ser e lhe serve de fundamento (STEIN, 2019, p. 297).

A busca pelo sentido do ser prossegue em meios às indicativas do método fenomenológico. No capítulo cinco de *Ser Finito e Ser Eterno* Edith apresenta os primeiros frutos da longa investigação dada anteriormente quanto ao sentido do ser. O que se teve como

resultados das investigações anteriores foi o sentido de várias formas de ente, todavia, segundo Edith, não foi o bastante para determinar o sentido mesmo do ser. Quanto ao ente, tem-se como resultado aquilo que se deu no estudo da *οὐσία*, ente no sentido mais profundo, "mais próprio que outra coisa que também é designada como ente" (STEIN, 2019, p. 302). No entanto, quanto ao sentido mesmo do ser, ainda é uma visão turva.

Edith não considera caminho correto aquele tomado por Martin Heidegger, ou seja, entender a *οὐσία* como o sentido do ser. De fato, Heidegger em uma de suas principais obras, *Ser e Tempo* (1927), tratou dessa busca incessante do sentido do ser. Para Heidegger, assim como destaca Edith no comentário que ela escreveu[25] sobre a obra *Ser e Tempo*, a pergunta sobre o sentido do ser deve-se perguntar ao ente, não qualquer ente, mas um ente que se explica por si mesmo (STEIN, 2019, p. 547), assim como afirma Heidegger:

> Na medida em que o ser constitui o questionamento e ser diz sempre ser de um ente, o que resulta como *interrogado* na questão do ser é o próprio ente. Este é como que o interrogado em seu ser. Mas para se poder apreender sem falsificações os caracteres de seu ser, o ente já deve se ter feito acessível antes, tal como é em si mesmo. [...] Em qual dos entes deve-se ler o sentido do ser? (HEIDEGGER, 2005, p. 32)

Este ente, do qual Heidegger considera está o sentido do ser, é entendido como aquilo que se conhece por *οὐσία*, mas para Edith essa compreensão de *οὐσία* como sentido do ser não condiz com a opinião de Aristóteles, pois a conclusão da *οὐσία* é que ela "se refere ao ente: certamente ao ente, enquanto o sentido do ser se realiza no ele, ou ao ente como ente" (STEIN, 2019, p. 302). Dessa forma, a grande questão trabalhada por Edith ao estabelecer o sentido de *οὐσία* como ente no sentido eminente, é entender como este ente no seu sentido mais próprio pode apontar o sentido do ser.

Este ente no sentido mais próprio foi investigado por Edith a luz das investigações aristotélicas, assim trata-se sempre de algo que está relacionado com as coisas sensíveis, que tem seu sentido fundado na junção entre forma e matéria, uma vez que, como já vimos, Aristóteles não considera a possibilidade de um ente independente além do mundo sensível como defende Platão. Todavia, a grande questão em oposição a isso, levantada por Edith, é que "existem formas cujo ser não consiste na configuração de uma matéria extensa ou que não se esgota em tal configuração e que, no entanto, constitui algo real e independente" (STEIN,

---

[25] Texto editado por Edith Stein e incluído como apêndice na Obra *Ser finito e ser eterno* na edição em língua portuguesa brasileira, traduzida pela editora Forense Universitária e publicada em 2019.

2019, p. 302). Depois, essa discussão é retomada por Edith quando ela trata dos espíritos puros.

Outra inquietação apresentada por Edith quanto ao entendimento de *οὐσία* como ente no sentido eminente, é que parece que este entendimento remete a ideia de essência singular da coisa, ou aquilo que caracteriza a coisa como indivíduo. Desse modo, deixando a discursão das possibilidades de entes fora da configuração de forma e matéria, Edith parte para a investigação da estrutura formal da coisa[26], é preciso entender como a coisa é preenchida com aquilo que torna ela o que é, como indivíduo, uma vez que só o entendimento da configuração entre forma e matéria não é o suficiente para compreender o sentido real do seu ser, é preciso entender uma relação ainda mais profunda, a da forma e o conteúdo.

Em relação ao conteúdo e a forma, Edith considera que nesta estrutura da coisa ambos são sempre recíprocos, um conteúdo não pode ser entendido sem uma forma, do mesmo modo que a forma está ligada ao conteúdo:

> Sempre que captamos um conteúdo, captamo-lo com sua forma: sem uma forma qualquer, ainda quando se trate só da forma mais universal, "algo" um conteúdo não pode nem existir nem ser concebido: a forma é, por assim dizer, seu contorno, e ela pertence a ele como a uma coisa material sua figura espacial militante. (STEIN, 2019, p. 305).

Todavia, considerando o ente como aquele que possui sempre algo, e que remete a um conteúdo, a uma forma e diferentes maneiras de ser, que cujas variações foram tratadas no estudo das categorias aristotélicas, é necessário, segundo Edith, estabelecer o sentido do ente como tal, pois foi com este questionamento que se iniciou toda esta investigação. Além disso, é com essa resposta que se entenderá o sentido do ser.

3.5.2 O ente como tal

Em busca do sentido do ser, Edith volta à teoria dos transcendentais, tal teoria, como afirma Thiago Soares Leite, foi disseminada, sobretudo, na Idade Média pela escolástica, embora tenha sido tratada bem antes por Aristóteles, mas não com todos os elementos transcendentais que a escolástica tratou:

> Aristóteles teria sido o inspirador desta teoria. Contudo, o Filósofo afirmara apenas a transcendentalidade de *ens* e *unum*. Seria apenas na Idade Média

[26] Coisa é entendida por Edith como o resultante da configuração entre matéria e forma, que possui uma particularidade internamente e externamente (STEIN, 2019, p. 352).

> que se deduziria a transcendentalidade de *verum* e *bonum*. [...]. Felipe o Chanceler[27] foi o primeiro pensador medieval a formular uma teoria deste cunho. (LEITE, 2007, P. 16).

Dessa forma, a respeito dos transcendentais, Edith considera aqueles apontados por santo Tomás como as determinações rigorosamente universais do ente enquanto tal, trata-se do: *ens, res, unum, aliquid, bonum, verum* (ente, determinação segundo conteúdo, um, algo, bom e verdadeiro). Desse modo, o próximo passo é entender o que significa cada modo do ente enquanto conceito transcendental, pois, estes conceitos transcendentais universais do ente "têm como fim caracterizar o ente como tal e independente de sua separação em diversos gêneros do ponto de vista da forma e do conteúdo" (STEIN, 2019, p. 309).

O *ens*, *res*, ou seja, o ente como tal, (*ens* expressa o ente como aquilo *que é* e o *res* o ente enquanto *o que é*, este, segundo Edith, remete a essencialidade do ente), é o conceito transcendental fundamental do ente, pois todos os outros transcendentais partem dele, do ente enquanto tal.

Edith, utilizando do pensamento do Padre Joseph Gredt[28], destaca que o ente compreendido enquanto tal deve ser tão geral que possa ser compreendido em si não somente o ente "criado", mas também o ente "incriado". Todavia, surge uma questão a respeito dessa posição: como se pode alcançar um conceito de compreensão em si do ente que possa abarca o ente "criado" e "incriado"? Sobre essa questão Edith, ainda sob o pensamento de Gredt, conclui que o *ens*, (ente) se divide em dois significados: o *ens* enquanto nome, que expressa qualquer coisa *que é* e *ens* enquanto particípio, ou seja, aquele que põe autoridade sobre o ser. Este segundo modo somente Deus pode ser considerado, pois está em plena posse do ser, e em todos os demais entes o ser se enquadra ao modo de como deve ser.

A compreensão de todas as determinações transcendentais do ente é necessária para o entendimento do ente como tal, que por sua vez levará para o entendimento do ser. Por isso, Edith parte para as outras formas das determinações transcendental do ente, visto que "estes últimos captam no ente *aquilo* que se esconde fora do ser, ou captam o próprio ser de um ponto de vista determinado" (STEIN, 2019, p. 311).

Quanto ao transcendental *unum* (um), remete ainda mais forte para a questão do sentido do ser, que é somente "um" nele mesmo, e entendido por ele mesmo. Em síntese,

---

[27] Felipe, o Chanceler (chanceler eclesiástico da Catedral de Notre-Dame), foi um teólogo e poeta lírico francês. Dentre suas obras mais importantes destaca-se a *"Summa de Bono"* (125-1228), e é essa obra que apresenta a primeira formulação da teoria dos transcendentais (LEITE, 2007, P. 17).

[28] Joseph Gredt (1863-1940) foi um padre luxemburguês, filósofo, com especialidade em filosofia tomista, e Doutor em teologia.

segundo Edith, o ente enquanto *unum* quer dizer que o ente enquanto tal possui um só ser, que embora seja constituído por partes com um ser, ambas se referem a um mesmo ser que é *unum*:

> A unidade se chama *transcendental,* porque se trata da *unidade do ente como tal,* ou seja, *é um que possui um só ser.* O que é um pode ser *simples*, mas não necessariamente; pode ser também composto: e de tal maneira que não somente o *quid* se compõe de partes, mas cada parte possui um ser próprio, e, no entanto, essas partes estão compreendidas na unidade de um só ser. (STEIN, 2019, p. 313).

Quanto ao *aliquid* (algo), também faz parte do grupo daqueles transcendentais que não tratam do ente como tal (*unum, aliquid, bonum* e *verum)*, mas apenas "colocam o ente em relação com o outro" (STEIN, 2019, p. 308). Todas as demais determinações revelam que o ente como tal não é uma coisa vazia, como conclui Edith, mas que é sempre algo, oposto ao nada. Assim fica claro o conceito de ente enquanto *aliquid:* um ente como um objeto.

Os transcendentais *bonum e verum* (bom e verdadeiro) também são relacionais, que consta de "uma relação não com um ente qualquer, mas com a alma" (STEIN, 2019, p.19). E esta relação de *verum e bonum* com a alma humana é que caracteriza a mais profunda conformidade do ente com outro ente. Dessa forma, segundo Edith, o ente se coloca em relação com a alma enquanto *bonum* quando sua tendência se dirige a um fim em conformidade de sua vontade (apetite) com o ente; enquanto *verum,* quando seu conhecer dirige a seu fim na conformidade do entendimento com o ente. Portanto, como resume santo Tomás na Suma Teológica, "chamamos bem àquilo que tende o apetite, chamamos verdade àquilo a que tende o intelecto" (*S. Th,* I, q. 16, a. 1).

A investigação ao entendimento do ente enquanto tal é finalizado por Edith com o transcendental *verum* (ente enquanto verdade). De início, a pesquisa sobre a verdade em Edith está envolta de uma questão não tão diferente daquela enfrentada por santo Tomás na *Suma Teológica* sobre a questão da verdade: se a verdade está na coisa ou apenas no intelecto humano. É preciso levar em conta que a verdade do qual Edith trata nesta etapa da investigação do sentido do ser, passando pelo entendimento do ente enquanto tal, é ainda uma verdade relacional do ente, e por isso que é considerada por ela como uma verdade que está entre o intelecto e a coisa através de uma adequação, mas que possui uma relação com a verdade transcendental.

Em uma compreensão mais profunda do ente como verdade, Edith apresenta as distinções entre verdade lógica, ontológica e transcendental. Que em linhas gerais pode-se

compreender: a verdade lógica como a conformidade entre o pensamento e a coisa, mas não como uma verdade relativa, pois,

> Essa conformidade não está fundada nem em um nem em outro, mas em um ente de uma espécie particular, que tem por fundamento este ou outro ente. É um "ente de uma espécie particular", ou seja, que pertence a um gênero determinado do ente, ao qual nós chamamos "relação" (πόςτι) no sentido próprio do termo. (STEIN, 2019, p. 319).

A verdade ontológica está em íntima passagem para a verdade transcendental. Isso porque, segundo Edith, nesta conformidade entre o intelecto e o objeto há ainda outra relação: o ente que pensa e julga sobre uma determinada coisa com aquilo que ele já tem como ideia sobre a coisa (exemplo: conheço se uma coisa é boa com base na minha ideia que tenho de bom). Todavia, segundo Edith pode acontecer que este fundamento do próprio ente não seja a última medida para concluir a verdade sobre a coisa (minha ideia sobre a coisa no qual fundamentei meu julgamento pode estar errada), daí então há uma abertura para a verdade transcendental: a concepção de uma ideia pura, no qual Edith considera o arquétipo divino, "pois essa é a última medida tanto para as ideias humanas como para as coisas" (STEIN, 2019, p. 320).

Por fim, é preciso destacar que a busca pela verdade é o centro da pesquisa *steiniana,* que segue um processo partindo da busca pelo o sentido do ser, ou seja, a verdade última que está por trás do ser do ente. A investigação utiliza métodos puramente filosóficos, como se observa em todo itinerário na busca pelo sentido do ser, mas, segundo Edith, chega a realidades que a razão sozinha não consegue prosseguir, então "o filósofo que não quer chegar a ser infiel à sua finalidade de compreender o ente até suas últimas causas se vê obrigado por sua fé a estender suas reflexões mais além do que lhe é acessível naturalmente" (STEIN, 2019, p. 49). Daí que se compreende a fé como instrumento de ajuda na busca pela verdade, e tal salto para fé será abordado no capítulo seguinte.

4 FÉ E RAZÃO: "AS DUAS ASAS[29]" QUE ELEVA O SER FINITO NA BUSCA DA VERDADE

A reflexão sobre a investigação *steiniana* acerca da busca pelo sentido do ser desemboca em um dos maiores desafios enfrentados por Edith Stein na obra *Ser finito e ser eterno,* que é o diálogo entre fé e razão como formas para alcançar a verdade. Trataremos dessa questão agora nesta terceira parte de nosso trabalho.

Todavia é preciso deixar claro que Edith Stein, evidentemente, não é a pioneira em buscar um diálogo entre a fé e a razão e muito menos essa questão surgiu apenas na Idade Média com os padres da Igreja, onde encontramos os maiores expoentes, "[...] os antecedentes dessa questão já se encontravam na antiga Grécia, no caminho do mito ao *logos* (razão)" (ZILLES, 2004, p. 67). Por exemplo: Xenófanes, que buscava compreender a luz da razão filosófica o fenômeno religioso, tentando entender e definir o que era Deus. Entretanto, esta filósofa se insere nesse debate de um modo original, usando a fenomenologia e a teologia para alcançar uma resposta plausível (racional) sobre a verdade do ser, sem, no entanto, fundamentar-se em dogmatismos nem teológicos e nem filosóficos, de modo que defende que a busca pela verdade deve ser uma investigação livre e se necessário o investigador deve estar aberto a enveredar por caminhos distintos, como por exemplo, o caminho da fé.

É a partir de sua conversão, em 1921, que Edith começa a enfrentar nos seus escritos a questão da relação entre fé e razão, ela acreditava ter encontrado a resposta para seus questionamentos, no entanto, sabia que só poderia entendê-los através de uma investigação racional iluminada pela fé. Desse modo era preciso, antes de tudo, estabelecer métodos e traçar caminhos para fundamentar uma relação entre fé e razão, assim estaria "legitimando uma continuidade entre filosofia e teologia" (STEIN, 2019, p. 17).

Embora tenha tratado dessa questão em alguns artigos, como o diálogo fictício entre Husserl e santo Tomás de Aquino[30], é somente na obra *Ser finito e ser eterno,* que a autora apresenta de forma explícita a defesa de uma filosofia cristã, cuja base de argumentação consiste na sua investigação da verdade, que é fundamentada por meio da relação entre fé e razão.

---

[29] Alusão a Carta Encíclica "*Fides et ratio*" escrita pelo Papa São João Paulo II em 1998, o ano da canonização de Edith Stein (Santa Teresa Benedita da Cruz) sobre as relações entre fé e razão, direcionada a todos Bispos católicos.

[30] Intitulado, *O que é filosofia? Uma conversa entre Husserl e Tomás de Aquino*, este texto foi escrito como uma homenagem de Edith Stein a Edmund Husserl, em ocasião do seu septuagésimo aniversário, em 08 de abril de 1929, no qual cria por meio do diálogo um encontro fictício entre Husserl e santo Tomás de Aquino.

4. 1 A possibilidade de uma Filosofia Cristã

Logo no início da sua obra *Ser finito e ser eterno,* Edith antecipa a sua intenção de considerar as verdades da revelação como conhecimentos válidos e necessários para se alcançar a verdade. Pois, ela afirma que para alcançar tal meta o uso da razão não é suficiente, impondo a esta pesquisadora a necessidade de adentrar os horizontes da fé. Dessa forma, vemos tal introdução como um modo de preparar o leitor para toda a investigação que segue: a busca pelo sentido do ser. Edith defende que é possível acreditar e defender uma filosofia cristã, ou um "estado cristão"[31] da filosofia, onde se considera não somente a razão para se buscar a verdade, mas recorre aos dados da revelação[32] fundados na fé, e isso é argumentado por Edith Stein tendo como base fundamentos e métodos puramente filosóficos.

O desejo de Edith ao defender a possibilidade de uma filosofia cristã é reatar a relação entre a filosofia moderna e a filosofia medieval. A causa do rompimento entre esses dois momentos da história da filosofia foi justamente a não aceitação por parte de filósofos iluministas da verdade revelada como medida de todo pensamento, o que era ferreamente defendido pelos medievais, pois a filosofia moderna buscava por si mesma fundamentar suas teorias filosóficas. Assim, o grande trabalho de Edith Stein consiste em "traçar pontes, superar o abismo existente entre cultura moderna e pensamento cristão; edificar bases sólidas para um encontro e um diálogo proveitoso" (STEIN, 2019, p. 12). Um trabalho árduo que está registrado em vários textos escritos por Edith Stein sobre os mais variados temas.

O ponto de partida de Edith Stein para estabelecer esse diálogo baseia-se na estratégia tomada por santo Tomás de Aquino ao dirigir-se aos pagãos na *Summa contra gentiles*[33], que não tendo a revelação como verdade comum, parte de uma filosofia baseada apenas na razão natural, que é comum a todos. O objetivo de santo Tomás em partir de uma filosofia puramente natural, além de querer buscar "construir a sua teologia sobre o solo firme da filosofia" (COSTA, 1993, p. 43) é um modo para garantir um diálogo com os gentios, pois, como entende Edith "se eles aceitam caminhar conosco esse trajeto do caminho, talvez se deixassem guiar mais longe do que teriam pensado no começo" (2019, p. 55). Santo Tomás

---

[31] Refere-se ao pensamento citado por Edith de Jacques Maritain, um dos representantes mais significativos do neotomismo, que defendia um "estado cristão" da filosofia como uma abertura do homem para a filosofia enquanto atitude e atividade do espírito, e a fé, como aquela que enriquece a filosofia.

[32] Os conhecimentos da revelação são aqueles que são dados pelo próprio Deus, que se deixa conhecer pelo homem. Segundo Edith se chega ao Eterno por duas vias: mediante a fé nos dados da revelação e pela via filosófica, todavia apesar de possuírem caminhos diferentes uma não anula a outra, ambas são necessárias na compreensão do eterno.

[33] Tratado escrito por santo Tomás em defesa da fé cristã e contra as heresias, certamente vindas dos árabes e judeus que consideravam ter argumentos fortes contra as verdades da revelação cristã.

defende que é possível que haja um trabalho conjunto entre filosofia e a fé, que é justamente na busca da verdade, e é nesta defesa tomasiana que Edith fundamenta a relação entre fé e razão:

> Se existe, pois, segundo a convicção de santo Tomás, um caminho e um campo de trabalho comum para todos os que procuram a verdade, é evidente também que para ele a ciência natural e a fé, a filosofia e a teologia não estão separadas uma das outras como se não houvesse nada em comum entre elas. (STEIN, 2019, p. 40)

Seguir o pensamento de santo Tomás em partir de uma filosofia puramente natural é necessário para Edith ao considerar a possibilidade de uma filosofia cristã. É válido que a vida pessoal de Edith Stein quando começa a defender a possibilidade de uma filosofia cristã, tinha sofrido uma reviravolta com a sua conversão ao catolicismo. Todavia, isso não significa que a filósofa tenha se deixado levar por fundamentos prontos teológicos que limitasse o seu pensamento filosófico, uma vez que para Edith Stein:

> A filosofia não parte de algumas verdades de fé para depois desenvolver uma reflexão racional, [...] ela entende o papel da filosofia de uma forma mais ampla: na sua opinião, a filosofia é o lugar da reflexão humana em que são "harmonizadas", pelo fato de se reconhecer uma conveniência razoável de fazer isso, investigações e experiências diferentes; é o lugar em que se estabelece uma continuidade entre a experiência religiosa, a sua sistematização teórica, ou seja, a teologia, e a pesquisa confiada às capacidades intelectuais humanas, isto é, aquela que tradicionalmente é chamada de filosofia. (BELLO, 2000, p. 229).

Assim, em Edith Stein a abertura para o entendimento do diálogo entre fé e razão e para a legitimação de uma filosofia cristã se dá a partir de sua compreensão do que seja o trabalho desta atividade. No ensaio *"A fenomenologia husserliana e a filosofia de santo Tomás de Aquino: um ensaio de um cortejo"* [34], no qual é considerado como "o ponto de referência histórico teorético de Stein" (BELLO, 2000, p. 194), trata da filosofia como uma ciência rigorosa, mas não ciência no sentido que seja de modo igual às outras ciências, mas que busca o sentido último das coisas, ou seja, a verdade: "A filosofia não é coisa do sentimento, da imaginação, de pobres entusiasmos, nem de opinião pessoal ou, por assim dizer, de uma questão de gosto, mas de séria e sóbria razão investigadora" (STEIN, 2019, p.

[34] Trata-se do mesmo texto em forma de diálogo escrito por Edith Stein em ocasião do septuagésimo aniversário de Husserl, a diferença é somente o gênero literário, este foi modificado por Edith em forma de ensaio a pedido de Martin Heidegger, que era o editor daquele número especial da revista onde seriam publicadas as homenagens a Husserl.

101). É a razão investigadora que busca a verdade, isto é, o *logos*, e é nessa busca que santo Tomás e Edith Stein consideram outras vias além da pura razão, ou seja, o caminho da fé.

Edith não acredita que a fenomenologia esteja equivocada ao fundamentar-se em uma razão própria, quer dizer, que não necessita de outros suportes para ir ao encontro da verdade, porém, é um caminho interminável e mesmo que a razão continue seu trajeto na busca da verdade nunca a alcançará no seu sentido pleno. E é esse caminho "interminável" que demonstra a fragilidade da filosofia como ciência, pois ela só poderia ser autônoma e capaz de chegar à verdade por si, se ela fosse uma ciência "ideal" e pura que para Edith é impossível, visto que toda ciência é mediada pelas categorias humanas.

Dessa forma, Edith entende que a meta da filosofia desde o seu nascimento é buscar as verdades últimas, de modo que, mesmo com os limites reconhecidos pela modernidade, essa ainda deve ser a sua meta. Então, a filosofia deve encontrar um caminho que a ajude a superar as limitações do conhecimento humano para continuar a buscar a verdade. Assim, ela não pode parar esta busca de forma alguma, sem correr o risco de cair em contradição.

> O que a razão natural consegue como o "primeiro ente", a fé e a teologia dão informações, às quais a razão sozinha não chegaria jamais [...]. A razão se converteria em irracional se se obstinasse em permanecer nas coisas que ela não pode descobrir por sua própria luz e em fechar os olhos diante de uma luz superior que o faz ver. (STEIN, 2019, p. 49).

Ao colocar a fé ao lado da razão, Edith não estava querendo que uma exercesse influência sobre a outra, o filósofo não vai deixar de ser filósofo ao aderir às verdades reveladas pela fé, pelo contrário, terá mais ganhos, pois "a doutrina da fé enriquece também a filosofia ao lhe dar conceitos que de fato lhes eram estranhos antes de chegar a beber dessa fonte, embora por si mesma tivesse conseguido descobri-los, por exemplo, o conceito de criação" (STEIN, 2019, p. 48).

Além disso, Edith sentia a necessidade de relacionar fé e razão para desenvolver a sua investigação do sentido do ser, uma vez que sendo a filosofia a investigadora do ente e do ser é incapaz de alcançar as realidades últimas do ser, e por isso não pode desperdiçar aquelas respostas que só a fé pode dar. Por isso, segundo Alles Bello, Edith Stein em uma das cartas enviadas a sua amiga Conrad-Martius[35] apresentou a argumentação de que, para ela, a metafísica deve ser relacionada com a verdade revelada (2000, p. 224). Todavia, tanto Edith

[35] Com sua amiga e madrinha de batizmo, Hedwig Conrad-Martius, Edith tratou de diversos assuntos na área da fenomenologia, dentre os quais a relação de fé e razão.

como Corand-Martius sabiam do que estavam propondo ao unir metafísica e verdade revelada, como afirma Alles Bello:

> Não se trata de elaborar uma metafísica ou uma ontologia, partindo da verdade revelada, pois, elas conhecem bem a distinção entre teologia e filosofia; trata-se, antes, de averiguar uma confirmação, isto é, um acordo, ou uma continuidade entre aquilo que a compreensão racional, do tipo filosófico ou científico, permite captar e os dados contidos na Revelação. (BELLO, 200, p. 225)

O filósofo cristão que está totalmente aberto a este diálogo entre fé e razão, não terá nenhum empecilho nesse trabalho conjunto, mesmo que tenha que trilhar em caminhos incrédulos[36]. E o incrédulo, por sua vez, não terá a obrigação de tomar os dados contidos na revelação como verdades inquestionáveis, mas apenas como hipótese. Assim, depois de análises e investigações por ambos os lados, se o resultado for uma compreensão ainda mais profunda do ente, então, o incrédulo não tendo nenhum prejuízo, "certamente não retrocederá diante dessa experiência" (STEIN, 2019, 56).

Todavia, a grande oposição a esse trabalho conjunto entre razão e fé é a acusação de que a fé não é racional e sendo irracional não tem o porquê de ser levada em conta pela filosofia. No diálogo fictício entre Husserl e Tomás de Aquino criado por Edith Stein, esses dois filósofos trataram dessa questão[37], no qual Husserl argumenta que "a fé é instância competente para a religião, não para a filosofia" (STEIN, 2019, p. 64). Tomás revida esta acusação, afirmando que além da fé não ser irracional, a filosofia possui uma dependência para com a fé na busca pela verdade:

> [...] a fé não é nada de irracional, ou seja, algo que não teria nada que ver com verdade e falsidade. Ao contrário, a fé é, em primeiro lugar, um caminho para a verdade e, mais exatamente, um caminho para *verdades* que, de outro modo manter-se-iam reveladas para nós. Em segundo lugar, a fé é o caminho mais seguro para a verdade, pois não há maior certeza do que a da fé. [...] A filosofia almeja a verdade mais ampla possível e com a maior certeza possível. Se a fé desvela verdades que não podem ser alcançadas por outros caminhos, então a filosofia não pode renunciar a essas verdades e sem correr o risco de que a falsidade infiltre-se até no campo de conhecimento próprio da filosofia, uma vez que, na conexão orgânica de todas as verdades, cada parte pode aparecer sob uma luz falsa quando a ligação com o todo é cortada. Daí segue uma *dependência material da filosofia para com a fé.* (STEIN, 2019, p. 66).

---

[36] "Examinem tudo e fiquem com o que é bom" (1 Ts 5, 21).

[37] Aqui é necessário compreender que as citações referentes à Husserl e Tomás de Aquino são das falas de ambos no diálogo fictício criado por Edith Stein. Não foi, neste caso, referidas diretamente a Edith, pois, o pensamento dos dois é autêntico, por mais que tenham sido escritos através da interpretação de Edith Stein.

Entretanto, ao afirmar isso por meio do "personagem Tomás", Edith não está sendo dogmática ou pessimista colocando a fé com um poder tão elevado, mas é sempre a ideia de continuidade de uma para com a outra, uma vez que "a fé é uma luz obscura, dar-nos a entender algo, mas somente para indicar-nos algo que nos continua sendo incompreensível" (STEIN, 2019, p. 52). Por isso, na relação entre fé e razão Edith afirma que a filosofia não pode pretender certezas tal qual pode concluir a partir de suas investigações, no entanto poderá testar e harmonizar aquilo que descobriu por si e aquelas verdades dada pela fé para a compreensão do ser nos seus últimos fundamentos. E isso não a tornará uma "teologia", mas é apenas um ato de tomar uma segunda via para um "ir mais longe" na busca da verdade.

Após a compreensão da legitimação de uma filosofia cristã em Edith Stein é que se pode entender a relação entre fé e razão na busca pela verdade a partir de sua obra *Ser finito e ser eterno*. Desse modo, é preciso voltar à investigação do sentido do ser e entender as conclusões de Edith nesta investigação, pois para ela é no sentido do ser que se parte em busca da verdade.

4.2 A busca pelo o sentido do ser e a teoria dos transcendentais

A investigação *steiniana* do sentido do ser se deparou com a teoria dos transcendentais como meio para compreensão do ente como tal, para a partir dele compreender o sentido do ser. Tomando como base o pensamento tomasiano, Edith apresenta os diversos modos de determinações universais do ente como tal e centra, sobretudo, no ente enquanto *verum* (verdade). Assim, é necessário ainda rever alguns pontos essenciais da doutrina dos transcendentais, principalmente do ente enquanto verdade, apresentado por Edith no quarto capítulo de *Ser finito ser eterno*, pois é a partir daqui que de algum modo à investigação do sentido do ser terá uma maior necessidade de buscar na fé, mediante aos conhecimentos dados pela revelação, explicações mais claras para a compreensão do sentido do ser.

O ente enquanto *verum* é tratado por Edith Stein no seu artigo *Conhecimento, verdade, ser* (1932), quando expõe o significado geral do que é a verdade, que para ela é um estado de conhecer e apreender algo: é "quando um espírito cognoscente conhece um ente" (2019, p. 198). Edith trata dos dois modos de apreensão do ente enquanto verdade: dos juízos e da arte. As verdades dos juízos e a verdade artística estão sob o mesmo modo de entendimento, remete a uma verdade lógica, ou seja, é verdade quando o conhecimento sobre o ente está em conformidade com o próprio ente: no juízo "a rosa é branca" é verdade se a rosa realmente for

branca, isto é, quando o estado de coisa ("é branca") for real; a verdade artística, de modo semelhante, é verdade quando a obra condiz com o pensamento expresso anteriormente pelo autor. Entretanto, ao tratar sobre as verdades do juízo e da verdade artística, Edith busca uma relação com a verdade transcendental, aquela mais profunda do ente enquanto tal, que "tem um significado, é inteligível, é apreensível, portanto, está em relação com o espírito" (BELLO, 2015, p. 202).

No capítulo anterior consideramos que verdade lógica já remete a uma verdade transcendental. Entretanto, a princípio parece que a verdade lógica (que compreende também a verdade do juízo e a verdade artística), demonstra não ter nenhuma relação com a verdade transcendental, assim como supõe Edith, pois, aparenta ser sempre uma verdade fundada em uma relação e dependência do pensamento com o objeto em um processo temporal. No entanto, o ponto de ligação da verdade lógica para a verdade transcendental é que "a conformidade do ente com um pensar de tal ou qual natureza sempre possui um fundamento no próprio ente" (STEIN, 2019, p. 319). E é por essa razão que Edith considera que a verdade lógica é uma verdade transcendental.

Quando Edith trata da verdade artística e verdade dos juízos está remetendo a um mesmo ente, ou seja, as obras e capacidades humanas. Quanto ao espírito divino, eterno e infinito, o ato de conhecer, ou seja, de apreender a verdade[38] se dá de outro modo, isso porque o saber de Deus é eterno. Sendo Ele o criador por excelência, a verdade artística, evidentemente, ultrapassa a criação humana, que sempre parte de algo já pronto, mas o criar de Deus é independente de qualquer coisa.

Contudo, não se deve perder de vista o que Edith está buscando quando trata das determinações do ente, principalmente do ente enquanto *verum,* e o que motivou as investigações até esse ponto: como já consideramos o que se busca é o sentido do ser, mas que na sua distinção do ente é preciso compreender o ente como tal e é por isso que a doutrina dos transcendentais é caminho indispensável para a compreensão do ente como tal, pois apresenta aquilo que é comum a todo ente (o ente enquanto tal, algo, verdadeiro e bom). Além disso, a chave para o prosseguimento da busca pelo o sentido do ser em Edith encontra-se na doutrina dos transcendentais, através de uma investigação fenomenológica:

> A investigação sobre cada uma das determinações transcendentais mostrou que há diferenças entre elas. Somente uma parte delas determina o ente, tal como é em si mesmo, e (quando fazemos abstração do sentido do próprio ser) determinam o ente em sua estrutura puramente formal. [...]. Ao

[38] Isto é, "quando um espírito cognoscente conhece um ente" (STEIN, 2019, p. 198).

> contrário, vimos no verdadeiro, no bom e no belo determinações que põem o ente como tal em relação com um âmbito de ser, determinado por seu conteúdo e até em seu correspondente sentido em relação ao conteúdo. Mas o ser se encontra em *todas* as determinações transcendentais - visto que se trata de determinações do ente *como* tal - e não se pode adquirir uma compreensão plena dessas determinações, se não se chega a explicitar o *sentido do ser* (STEIN, 2019, p. 349).

No entanto, a investigação do ente enquanto tal não foi esgotada com a teoria dos transcendentais, pois, segundo Edith, ela apresentou grandes fundamentos para a compreensão do sentido do ser, mas toda compreensão dependerá da solução do que se entende realmente por sentido do ser. Assim, tomando os ganhos obtidos através de toda a investigação fenomenológica e considerando os dados da fé, Edith apresenta as primeiras conclusões de sua busca pelo o sentido do ser no sexto capítulo de *Ser finito e ser eterno.*

4.3 O sentido do Ser

Já consideramos brevemente porque Edith ao sair na busca pela verdade tem como ponto de partida o sentido do ser, e de como essa velha questão foi tratada até a modernidade[39]. Por sentido do ser se entende a compreensão das partes constituintes deste, que é: a sua essência, aquilo que faz dele ser ele em sentido, assim como afirma Marie-Joseph na introdução à *Suma teológica* de santo Tomás[40]: "quando se fala de ser, pode-se tratar *do* que é uma realidade (sua essência), do ato de existir que faz ser real (sua existência), do ser que exerce esse ato e que se define como sendo isto em vez daquilo" (2001, p. 41).

Assim, Edith entende que ao questionar o sentido do ser, o que se está procurando é o ser enquanto essencial: "se concebemos como a plenitude de algo uma 'essencialidade' ou uma 'elaboração ou formação de sentido', então o ser correspondente é o ser 'essencial" (2019, p. 530). Mas, não como um tipo de ser e sim uma parte inseparável do ser, é aquilo no qual o ser está ancorado.

Nas investigações steinianas sobre o sentido de nosso próprio ser, mostrou que além de essencial o ser é: limitado e temporal, mas, que em um determinado momento chega ao seu ápice como um ser real que permeia entre a atualidade e potencialidade; como um ser lançado na existência, e que isso não depende dele; um ser que pensa e tem consciência de si. Dessa forma, segundo Edith, para a compreensão do sentido do ser é preciso buscar aquilo que é comum aos diversos modos do ser (finito), ser como real, essencial, existencial e em

---

[39] Ver a seção 3.1 do segundo capítulo desse trabalho.
[40] Citação referente à edição brasileira da *Suma teológica* (2001) presente no volume I.

pensamento. A esta questão Edith conclui que todos os diversos modos de ser apresentam em comum um "desdobramento", ou seja, sempre remete a um sentido diferente do ser:

> Ser finito é o desdobramento de um sentido; ser essencial é um desdobramento intemporal mais além da contraposição de potência e de ato; ser real é um desdobramento a partir de uma forma da essência, da potência ao ato, no tempo e no espaço. Ser em pensamento é um desdobramento em muitos sentidos: a gênese de autênticas formações é temporal como o movimento de pensamento pelo qual estão configuradas. (STEIN, 2019, p. 354).

Tão importante é esta conclusão *steiniana* para a compreensão do sentido do ser que é: o ser como desdobramento. Todavia, isso não é a resposta última para o sentido do ser, mas uma clareza de que o sentido pleno do ser não se encontra no ser finito, pois este se mostra sempre ora como real ora essencial ou como qualquer modo de ser, é sempre verdadeiramente um desdobramento.

Edith entende que a plenitude do ser só pode ser encontrada na reunião de todos os seus desdobramentos, ou seja, em um ser enquanto *uno,* pois, a pluralidade dos modos de ser não pode oferecer seu sentido mesmo. E só podemos entender o ser enquanto *uno*, como nos explica Aristóteles, apenas em seus limites sensíveis. Ou seja, a investigação do ser estaria condicionada pela manifestação desse ser no mundo sensível.

Aristóteles não concebe a ideia de uma criação a partir do nada, mas considerava que o motor imóvel era a causa (e não criador) de todos os movimentos da natureza, como uma "substância imóvel, eterna e separada das coisas sensíveis. E também fica claro que essa substância não pode ter nenhuma grandeza, mas é sem partes e indivisível" (Metafísica, V, 1073a 5). Assim, a unidade estaria na completude entre um mundo sensível e um mundo espiritual. Todavia, Edith acredita que isso não é o bastante para suprir a lacuna da origem de todas as coisas, pois, além do conjunto do mundo criado remeter a um arquétipo eterno, o ser finito por mais que esteja apoiado no seu ser essencial, ou seja, ser o que ele é na sua essência, deve a sua existência a outro ser, pois não pode se auto lançar na existência.

Embora que o motor imóvel de Aristóteles seja colocado como a explicação do devir no universo, as mudanças e movimentos, como aquele que move tudo sem ser movido, ele não explica como o universo teve um início, isso por que segundo Aristóteles o mundo é perfeito e não pode ser criado ou modificado por outro ser, assim ele concebe a ideia da eternidade do cosmo. E tudo aquilo que vem a ser é nada mais do que o composto entre forma e matéria, e no qual estas são eternas.

Segundo Edith embora se considere que no mundo em que vivemos há um constante devir, um surgir e um desaparecer, mesmo assim esta "série não pode ser finita, é necessário que haja um primeiro motor imóvel" (STEIN, 2019, p. 202), como que a resposta para a pergunta: de onde viemos?

Dessa forma, Edith considera que a plenitude do ser, no qual se encontra a verdade para o entendimento do ser finito, só pode estar naquele que é ao mesmo tempo essencial e real, que não é lançado na existência, mas é eterno. É aquele que cuja todas as coisas criadas remetem a ele, como que o arquétipo de tudo, que também não é movido por nada, mas além de mover todas as coisas deu a elas a sua existência, e esse ser é senão o ser primeiro.

4.4 O ser primeiro: O Criador e a Verdade

A busca *steiniana* do sentido do ser parte do ser finito como única verdade inquestionável e é conduzida até o ser eterno, como a explicação última de todo ser finito. Durante todo este percurso na busca do sentido do ser, Edith buscou nas duas vias, na fé e na razão, fundamentos para compreensão da verdade do ser. Entretanto, a pesquisa filosófica chega a um plano que testa os limites racionais e assim, a fé, como instrumento guia, ilumina os caminhos que parecem ser obscuros para uma visão puramente racional. Compreender que o mundo e todos os entes que o compõem fazem parte de uma criação do ser primeiro, ou seja, o causador e criador de tudo, pode encontrar na filosofia fundamentos para esse entendimento, mas investigar este ser criador e extrair dele verdades é um caminho que somente a fé pode percorrer. Dessa forma, para dar prosseguimento à busca filosófica pelo sentido do ser, Edith recorre às verdades que são dadas pela revelação, mas sempre como uma continuidade entre argumentos filosóficos e a doutrina da fé, o que contribui para um encontro proveitoso entre fé e razão.

Assim o ser infinito no qual toda a plenitude do ser se encerra nele é o próprio Deus, o "Eu sou". Deus é dono do seu próprio ser e todas as criaturas tem seu ser como participação nele. É Ele a Verdade, pois há uma coincidência entre verdade e ser. Santo Tomás afirma que Deus é a própria verdade, pois, todas as outras verdades provêm dele, como a verdade primeira e suprema (*S. Th,* I, q. 16, a. 5).

Todavia, para Edith não basta entender o ser eterno como a plenitude de todo o ser, mas é preciso encontrar nele verdades que possam ajudar a fazer o caminho inverso, isto é, voltar ao ser finito e entender realidades nele que só é possível a partir da compreensão de um

Deus criador. Assim ao repensar a criação Edith está buscando uma compreensão racional da própria constituição do ser finito: qual sua origem e fim.

Uma das grandes questões enfrentadas por Edith ao tratar da criação é entender como Deus pode doar seu ser sem deixar de ser uno, ou seja, como ocorre a divisão do ser no ato da criação. Segundo Edith, divisão do ser não é o mesmo que distribuição, pois, quando ela pensa em divisão ela expressa a ideia "tirar de si" e distribuição seria algo como espalhar o seu ser, se assim fosse todas as criaturas seriam como deuses, o que anularia a existência de um único Deus criador e uno. Quando Deus chama um ente à existência, ele recebe um ser que não é o próprio ser de Deus, mas apenas participante, e a criatura recebe a autonomia do seu ser. Assim a criatura ao participar do ser de Deus torna-se uma imagem e semelhança de seu criador. Todavia, imagem não significa uma cópia, pois, segundo Edith, Deus não pode dividir-se dando origem a outro eterno:

> Aparece, pois, no sentido da criação, que o criado não é uma reprodução perfeita, mas somente uma "imagem parcial", um "raio quebrado": Deus, o Eterno, o Incriado e o Infinito, não pode criar nada absolutamente semelhante a si mesmo, visto que não há um segundo Eterno, Incriado e Infinito (STEIN, 2019, p. 369).

Entretanto, embora não seja a criatura uma imagem pura de Deus, não deixa de carregar em si traços do eterno, e assim desde a sua origem a criatura possui em si uma abertura ao transcendente e uma capacidade de buscá-lo.

Edith entende que para uma melhor compreensão de Deus (compreensão não no sentido de esgotar tudo sobre Deus, mas de apreender verdades que ele mesmo nos concede) é preciso ir mais além da concepção de "criador". Dessa forma, uma das verdades mais profundas e certamente a mais complexa sobre Deus é entendê-lo como um Deus *uno* e *trino*: um único Deus e ao mesmo tempo manifestado em três pessoas. Assim passando pela doutrina da Santíssima Trindade e percorrendo até onde nos é possível na compreensão do ser eterno é que se pode voltar para o ser finito, com verdades que antes não era possível se não fosse atendida a necessidade de colocar a fé ao lado da razão.

4.5 Deus *Uno* e *Trino*[41]

[41] Esta verdade de fé (Dogma) da Santíssima Trindade é o mistério central da vida cristã, foi definido pela Igreja em duas etapas: no Concílio de Niceia (325 d.C) onde foi definida a divindade do Filho e no Concílio de Constantinopla (381 d.C) no qual foi definida a divindade do Espírito Santo.

Em Deus está não somente o sentido pleno de todo o ser, mas a autoria de todo o ser, e se apresenta não só como uma pessoa, mas em três pessoas. Ao tratar dessa verdade de fé, tendo como base a obra *De Trinitate* de Santo Agostinho, o objetivo de Edith continua o mesmo: entender o sentido do ser finito:

> Se o criador é o arquétipo da criação, não se deve encontrar na criação uma imagem, ainda que distante, da unidade trinitária do ser originário? E, portanto, não seria possível chegar à compreensão mais profunda do ser finito? (STEIN, 2019, p. 379).

A doutrina da Santíssima Trindade fundamenta-se nos conceitos filosóficos de "pessoa" e "hipóstase" para melhor esclarecer esta verdade de fé. Desse modo, o trabalho *steiniano* inicial ao tratar da Santíssima Trindade é uma averiguação se tais conceitos são realmente adequados e completos para se referir ao Divino. Segundo santo Agostinho tudo o que se fala do Divino está muito abaixo da perfeição e é apenas uma forma "para se poder expressar de algum modo o que não se pode traduzir em termos humanos" (AGOSTINHO, 1994, p. 245).

A unidade das três pessoas em um único Deus nos é compreensível graças ao que entendemos por "substância", no qual a doutrina cristã o toma como sinônimo de natureza, ou seja, para concluir que são três pessoas, mas em uma só natureza divina. Santo Agostinho considera que a abertura para se entender a diferença entre as três pessoas se dá na "relação" entre elas: o pai que gera o Filho, o Pai e o Filho exalam o Espírito Santo. Todavia não há "uma diferença hierárquica nem diferenças de funções, na Trindade, mas absoluta igualdade" (REALE; ANTISERE, 2003, p. 447). O Pai não pode ser considerado separado das outras pessoas, como se somente ele fosse Deus em plenitude e estivesse acima das outras pessoas, e do mesmo modo o Filho não se separa do Pai e do Espírito Santo ao se fazer Homem e nem o Espírito Santo se torna inferior às outras pessoas por ser exalado pelo Pai e pelo Filho. Deus é *uno* e não há separação, quando se fala do Filho se refere a Deus, e assim com todas as pessoas da Santíssima Trindade.

Todavia para Edith, seguindo o pensamento agostiniano, a palavra "pessoa" não é perfeitamente adequada para se referir ao Deus *trino,* pois só a utilizamos para nos referirmos a seres particulares de uma natureza dotada de razão, no sentido em que contém uma essência e que não se divide com outro, ou seja, que é *uno* (STEIN, 2019, p. 380). No entanto, é o que temos de mais perfeito para nos referirmos a um ser que é uno, perfeito e manifestado em três pessoas.

Santo Tomás ao refletir sobre a mesma questão enfatiza que não se deve comparar ao que se entende por "pessoa" nos seres criados e em Deus, pois a "pessoa" divina compreende a um ser sublime e assim está em uma distância infinita do ser criado:

> Pessoa significa o que há de mais perfeito em toda natureza, a saber, o que subsiste em uma natureza racional. Ora, tudo o que se diz perfeição deve ser atribuído a Deus, pois sua essência contém em si toda perfeição. Convém, portanto, atribuir a Deus este nome pessoa. Não, porém da mesma maneira como se atribuem as criaturas. Será de maneira mais excelente. (*S. Th,* I, q. 29, a. 3).

É a partir da compreensão de "pessoa" que Edith faz uma ligação com o entendimento do ser finito. Ao nos referirmos a Trindade como "pessoa" queremos fazer jus ao nome de Deus que ele próprio revelou, "Eu sou", aquele que é infinito e não possui nada de não ser. Compreendendo isso, segundo Edith, é possível estabelecer traços da Santíssima Trindade no homem, ou seja, considerá-lo como ser-pessoa, pois o homem também possui uma natureza: a essência do homem como tal, que faz dele ser o que é. Assim, o questionamento steiniano tem como objetivo compreender o que pertence ao ser-homem.

4.6 A construção do ser pessoa humana

Por ser uma fenomenóloga e não ter em nenhum momento abandonado este método husserliano na sua pesquisa filosófica, Edith ao investigar o sentido do ser não parte de suposições idealizadas do mesmo, mas da concretude do ser, partindo daquilo que se está mais próximo, ou seja, do ser finito. Assim ao tratar da composição do ser-homem, isto é, a constituição da pessoa humana, Edith parte das dimensões que o formam: corpo, alma e espírito.

O espírito, que muitas vezes é entendido apenas como algo relacionado ao campo religioso, segundo Edith é quem faz o homem sair de si mesmo seguindo aquilo que a sua essência lhe define. A alma é o ponto de partida para encontrar o núcleo do ser, que faz uma ligação entre vida corpórea e espírito, como que a "mediação entre a espiritualidade e sensibilidade própria do corpo vivo" (STEIN, 2019, p. 394). E o corpo é como que o abrigo, não somente um conjunto de matéria física, mas um corpo vivo e animado, diferenciando assim dos demais seres criados.

São essas dimensões que possibilitam as vivências do sujeito consciente de si, no qual Edith chama de "eu" puro, através de atos que envolvem três modos: "*o ato perceptivo,* que

remete ao corpo, como mediador da vida interior com o mundo real (o corpo vive e é capaz de sentir); o *ato psíquico,* que remete à psique; e *o ato intelectivo-volitivo,* que remete ao espírito" (MAHFOUD; SAVIAN, 2017, P. 371). O ato perceptivo faz o eu conscientizar-se de seu próprio corpo como aquele que está mais próximo de si, mas em Edith Stein a percepção corporal só acontece quando o "eu" toma consciência do outro, daquele que não faz parte do meu eu, assim "somente nos tornamos conscientes de uma corporeidade própria, deparando com outros corpos nesse campo, dos quais, de modo geral, temos uma percepção meramente externa, identificando-os como contrapostos a mim" (AFIERI, 2014, p. 65). O ato psíquico está relacionado com a intensidade das ações humanas, é o modo que o "eu" vivencia as suas emoções. O ato intelectivo-volitivo é o que caracteriza as capacidades cognitivas do ser, ou seja, aquelas faculdades vindas do espírito.

Ao longo da história da filosofia muitos pensadores também se ocuparam dessas dimensões, mas viam uma separação entre elas. Edith, ao contrário, trata de uma "tríplice dimensão" da pessoa humana, ou seja, o corpo, a alma e o espírito, que não são separados, mas compõe uma unidade, isto é, "a pessoa humana não é o composto ou a somatória dessas dimensões, mas uma unidade constituída de corpo, alma e espírito" (DALABENETA; SILVA, 2016, p. 139) e dentro dessa unidade há um núcleo, no qual torna a pessoa um ser singular, e é aqui que segundo Edith se encontra toda a verdade do ser pessoa, pois é a parte mais íntima e profunda da pessoa humana.

Ao tratar dessas dimensões de forma ainda mais profunda nos seus textos pedagógicos sobre a formação da pessoa humana, Edith considera que antes de estabelecermos qualquer método pedagógico para a formação da pessoa é preciso conhecer o sujeito que receberá tais formações, e não há uma forma mais completa de conhecer a pessoa se não for conhecendo a sua interioridade, o seu núcleo.

A profundidade da pessoa humana, o seu interior, só pode ser conhecida graças à abertura dada pelo espírito como um curvar-se para dentro de si mesmo até as partes mais sombrias da pessoa, que se encontram dentro da alma, no qual Edith chama de "castelo interior" [42]. O "castelo interior", a alma, é a morada de todo o corpo vivo e espiritual e tudo que faz com que o ser criado seja ele mesmo está presente na sua alma. Todavia Edith não define a alma humana apenas como um conjunto de definições do ser, mas como um castelo organizado e que possui um núcleo, um centro intacto que não pode ser alterado, no qual

[42] "Castelo interior" refere-se à obra de Santa Teresa D'Ávila, no qual é tratado sobre a estrutura da alma humana e o conhecimento de si.

Edith chama de "alma da alma". Dessa forma, conhecer o núcleo da alma humana é conhecer o sentido do ser finito como individual, tal como Deus o colocou no mundo.

Este núcleo da alma que pertence à pessoa, não pode, segundo Edith, se originar da própria pessoa visto que é ele que conduz todo o ser pessoa, tornando-o um ser singular e individual, assim ele é a própria essência do ser da pessoa, onde está todo o seu sentido:

> Edith Stein chama a parte central e profunda da alma de *núcleo* interno, o centro pessoal, que é responsável pelo desenvolvimento psíquico e espiritual do indivíduo, pois o núcleo do ser pessoal é a forma substancial do ser humano. Refere-se ao ser pessoa. Nesse núcleo central encontra-se a identidade inconfundível, própria de cada sujeito e que o diferencia de todos os outros, constituindo sua singularidade. É como a impressão digital do ser de cada indivíduo. (MAHFOUD; SAVIAN, 2017, p. 371)

Assim, o ponto de partida para o entendimento do ser enquanto indivíduo em Edith Stein é a concepção de núcleo da alma da pessoa humana, pois é ele que possibilita o caráter de individuação.

Todavia deve se compreender que quando Edith trata do núcleo da pessoa humana, sua essência, não está remetendo a algo físico como uma parte ou elemento que compõem o ser humano que o diferencia dos demais. O discurso *steiniano* sobre a teoria da individuação se dá a partir da consciência, ou seja, pelo método fenomenológico, pois é para a consciência que essência se apresenta, tal como é em si mesmo. Além disso, segundo Edith, a essência que torna a pessoa humana como um ser individual possui um fundamento que não é na matéria, como afirma santo Tomás, pois para Edith cada matéria possui um direcionamento a uma pluralidade de outros elementos materiais cada qual com sua forma e assim não são indivisíveis e não possui uma singularidade: "um 'pedaço da matéria' pode ser rasgado, cortado ou 'dividido' de outra maneira" (STEIN, 2019, p.499). Desse modo, o fundamento da individuação da pessoa, o que torna a pessoa um ser individual, segundo Edith, se dá na forma, pois, "a coisa singular pertence ser determinada especificamente e se conclusa como unidade formal [...] ambos os aspectos estão prefigurados em sua forma" (STEIN, 2019, p. 499). Por isso, o ser individual embora sofra influências externas não perde aquilo que é só seu, a sua essência cravada em seu princípio formal.

Além disso, quando Edith trata da individuação da pessoa humana não está se referindo a um ser isolado e escondido em si mesmo, mas um ser que ao mesmo tempo em que é um indivíduo singular é um ser para a comunhão com o outro. Ademais, é também ele

um ser livre, pois dentro de sua interioridade reconhece sua liberdade de ser aquilo que lhe foi predestinado.

Dessa forma, sendo a interioridade da alma humana não dependente da pessoa, mas daquele que a colocou no mundo, ou seja, o Criador, assim, segundo Edith, ninguém conhece a alma humana mais do que aquele que a criou, o próprio Deus. E isso só nos é compreensível a partir da fé em um Deus criador.

O ser finito ao tomar consciência da sacralidade que carrega dentro de si, percebe que suas capacidades vão além daquelas que ele conhecia antes, é um ser puramente espiritual e que, apesar de estar envolto de uma temporalidade, no núcleo da sua alma ele percebe que carrega traços do eterno, como uma verdadeira imagem daquele que o criou, assim é um ser de dignidade. Ademais, segundo Edith, é no núcleo da alma que o ser finito relaciona-se com o ser eterno, assim "basta dizer que o núcleo da alma é o ponto onde o abismo da singularidade humana se abre, em suas profundezas, ao abismo do mistério divino." (MAHFOUD; SAVIAN, 2017, P. 136), e é nesta relação com e ser eterno, aquele que o criou, que o ser finito encontra seu fim no mundo, aquilo para o qual ele está predestinado e assim ele encontra uma verdadeira harmonia entre aquilo que é no presente com aquilo que está predestinado o seu ser, não para a morte, mas para vida.

4.7 A harmonia do ser

Assim nossa pesquisa parece ter chegado ao centro do entendimento *steiniano* sobre o sentido do ser na busca pela verdade. Seguindo Edith, partimos do ser enquanto finito, mas no decorrer da investigação o ser finito se mostrou incapaz de sozinho revelar o sentido pleno do ser, o que encontramos em Deus mediante as verdades dadas pela revelação. Voltando ao ser finito é possível, graças à fé em um Deus criador concluir que o ser finito por mais fugaz que seja, carrega dentro da sua alma uma essência, um núcleo, que o faz passar de uma criatura a um ser individual e singular, que possui um lugar no mundo e por ser também um ser espiritual está direcionado ao eterno e nele o seu fim. Assim, é nisso que consiste a verdade do ser finito no pensamento *steiniano*.

Entretanto, o ser finito ao tomar consciência dessa sacralidade que carrega dentro de si e que fundamenta o sentido do seu ser, cai em angústia porque seu ser presente não condiz com o ser no sentido interior, percebe que sempre lhe falta algo, e é aqui a abertura para o ser divino como a verdade última, "uma vez que a própria essência ontológica da individuação

manifesta em si uma necessidade pela verdade última, a qual só encontra no ser absoluto" (ANDREATA, 2019, p. 35).

Dessa forma, o indivíduo que se abre ao ser eterno mediante a fé como a Verdade e o fim de toda a sua existência, encontrará, segundo Edith, a harmonia do ser e "aqui perseverará em uma paz profunda - porque se acha no lugar de seu repouso - até que o Senhor queira transformar a fé em visão" (STEIN, 2019, p. 460). Eis a grande Verdade que Edith Stein por sua fé acredita ter encontrado: Deus abriga-se no mais íntimo de nosso ser, isto é, no núcleo da alma. Assim, "quem busca a verdade busca a Deus, seja consciente ou não disso[43]" (STEIN, 2002, p. 1251). Uma verdade que só nos é revelada mediante a fé, mas que só nos é compreensível através de uma busca racional, partindo de dentro de si em nossa finitude até encontrar aquele que é eterno, *uno, trino* e criador de tudo.

[43] Tradução nossa de: *"Quien busca la verdad busca a Dios, sea de ello consciente o no"* . Citação retirada da carta de Edith Stein endereçada à "Adelgundis jaegerschimid" em 13 de março de 1938, publicada e traduzida do alemão pela editora espanhola "Monte Carmelo" em 2002.

5 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa buscamos compreender dentro da teoria filosófica de Edith Stein como esta filósofa estabelece o diálogo entre fé e razão como forma de alcançar a verdade, colocando a fé como aquela que eleva a razão a um plano ainda mais próximo da verdade. Desse modo, percorremos desde a ontologia elaborada por Edith até desembocarmos na sua antropologia filosófica, e em cada etapa desta investigação teve como resultados conhecimentos que clarearam o caminho em busca da verdade.

Após conhecermos a vida e obra de Edith Stein, que revelam uma coerência original entre sua vida e teoria filosófica, o nosso ponto de partida para compreendermos o diálogo *steiniano* entre fé e razão se deu na investigação do sentido do ser, este nos possibilitou compreendermos, mediante a uma busca fenomenológica, os diversos modos de ser que expressam o ser finito e condicionado ao tempo. Com isso foi possível concluir que, mediante a finitude do ser, ele necessita de outro ser que seja eterno, ao qual deve a sua existência.

Após a investigação ontológica do ser e caracterização antropológica do ser finito adentramos no cerne do diálogo *steiniano* entre fé e razão, onde pudemos observar que as conclusões de Edith Stein sobre a investigação do sentido do ser a levam a recorrer aos dados da revelação à luz da fé. Assim, Edith coloca a fé como esse instrumento guia que eleva a razão para uma melhor compreensão do sentido do ser. O sentido do ser finito, segundo a investigação de Edith Stein, está em profunda ligação com o ser eterno, Deus, que é colocado por ela como o fim da pessoa humana, pois, é Ele a verdade, o autor e o sentido pleno de todo ser.

É perceptível que Edith não buscava fundamentar toda a sua investigação do sentido do ser apenas em uma pesquisa metafísica, mas para investigar o ser finito fez-se necessário adentrar também no campo da antropologia filosófica, pois o ente ao qual pertence o ser finito é também um "ser-pessoa", constituído de corpo, alma e espírito.

Além disso, Edith não era satisfeita com o conceito de pessoa humana que era tratado no seu tempo, principalmente tomando como exemplo o seu povo, que era visto pelo nazismo como "criaturas" que manchavam a raça ariana. Por isso, na sua curta jornada filosófica buscou antes de tudo estabelecer um significado novo para a compreensão da pessoa humana, através dos conceitos de singularidade e individualidade. Todavia, sobre a pessoa humana, Edith não aceitava verdades que não pudessem ser demonstradas, por isso com o método fenomenológico buscou as verdades mais profundas da pessoa, assim, era necessário partir de uma visão ontológica, investigando o ser pessoa, para compreendê-la de "dentro para fora".

Esse movimento para entender a pessoa resulta como uma ascensão que parte da finitude do ser até se deparar com o eterno. E isso consiste, respectivamente, a busca e o encontro com a verdade.

Desse modo, apesar da presente pesquisa ter abordado de forma limitada o tema da fé e razão no pensamento de Edith Stein, foi possível compreender qual era o real resultado que Edith esperava ao estabelecer este diálogo: uma maior compreensão da pessoa humana. Para Edith é essencial compreender o homem em sua totalidade, não apenas como um ser jogado na existência, mas que possui uma origem, um lugar e um fim. Dessa forma, sobre essa questão é possível concluir a partir do pensamento de Edith que: a pessoa humana deve a sua existência a um ser criador e eterno; possui um lugar no mundo, pois é única e singular; tende a um fim, que é se unir a verdade, que segundo Edith, é o próprio Deus.

Por fim, é visível à riqueza admirável do pensamento de Edith Stein, e de como ele pode favorecer um novo modo de ver a pessoa humana, principalmente repensando-o dentro da sociedade atual, que muitas vezes, seguindo a linhas capitalistas, por exemplo, reduz a pessoa humana a meros objetos. Assim, repensar a pessoa humana a luz do pensamento *steiniano* é colocá-la em um lugar de centralidade na sociedade, como um ser de direito, dignidade e que possui a capacidade de chegar a seu fim, em uma visão teológica, chegar ao eterno.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *Trindade.* Tradução de Agustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.

ALFIERE, Francesco. *Pessoa humana e singularidade:* uma nova fundação da antropologia filosófica. Tradução de Clio Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ANDREATA, Ocir de Paula. A verdade do ser e o simbolismo da cruz na individuação em Edith Stein. In: *Caderno teológico*, Curitiba, v. 4, n 1. Jul/dez 2019.

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. *História da filosofia:* Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990. v. I.

AQUINO, Tomás de. *O ente e a essência.* 8. ed. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. *Suma Teológica*: Teologia, Deus, Trindade: I parte, questões 1-43. São Paulo: Loyola, 2001. v.1.

BELLO, Angela Ales. *A fenomenologia do ser humano:* traços de uma filosofia no feminino. Tradução de Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

_____. Fenomenologia, ontologia e metafísica em Edith Stein. In: *Memorandum*, Belo Horizonte, p. 194-207, out.2015.

_____. *Edith Stein:* A paixão pela verdade. Tradução de José J. Queiroz. Curitiba: Juruá, 2014.

COSTA, José Silveira da. *Tomás de Aquino:* a razão a serviço da fé. São Paulo: Moderna, 1993.

DALABENETA, Eduardo; SILVA, Josimar Diogo da. A relação entre fé e razão na filosofia de Edith Stein. In: *Teologia em Questão,* Taubaté, n. 29, p. 131-149, jun. 2016.

GARCIA, Jacinta Turolo; SCIADINI, Patrício. *Edith Stein*: holocausto para o seu povo. São Paulo: Loyola, 1987.

GIRADELLO, Rodolfo. *Edith Stein:* "In grande pace varcai la soglia". Roma: Edizioni OCD, 1998.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo.* 15. ed. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LEITE, Thiago Soares. *Tomás de Aquino e o conceito de Adaequatio.* 2007. 82 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MAHFOUD, Miguel; SAVIAN, Filho Juvenal (orgs. *Diálogos com Edith Stein:* filosofia, psicologia, educação. São Paulo: Paulus, 2017.

PICHLER, Nadir Antonio. Noções sobre o ser em Tomás de Aquino. *Ágora Filosófica,* Recife, Ano 10. n. 1, p. 111-118, jan/jun. 2010.

REALE, Giovanni. *Metafísica de Aristóteles*. 5. ed. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2015. v. II.

ROCHA, Magna Celi Mendes da. *O sentido de Formação em Edith Stein:* fundamento teórico para uma educação integral. 2014. 155 p. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

STEIN, Edith. *Ser finito e ser eterno.* Tradução de Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

_____. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino.* Tradução de Enio Paulo Giachini; Gilfranco Lucena; Juvenal Savian Filho; Mácia Sá Cavalcante Schuback; Ursula Anne Matthias. São Paulo: Paulus, 2019.

_____. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos.* Tradução de Maria do Carmo Ventura Wollny; Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

_____. *Obras completas I*: escritos autobiográficos y cartas. Traduzido do alemão por Jesús García Rojo; Ezequiel García Rojo; Francisco Javier Sancho Fermín; Constatino Ruiz-Garrido. Burgos; Madrid; Vitoria: Editorial Monte Carmelo; Editorial de Espiritualidad; Ediciones El Carmen, 2002.

SANTOS, Gilfranco Lucena. Edith Stein e a Filosofia de Platão. *Aurora,* Campina Grande, v. 29, n. 48, p. 819-839, set/dez. 2017.

ZILLES, Urbano. *Crer e compreender.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.